



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU

INSTITUTO DE HISTÓRIA - INHIS

JARYSSA BONACI

DE ELLEN WHITE A SANDRA ROBERTS:

Apontamentos para a história das mulheres Adventistas do Sétimo Dia

(1919-2013)

**Uberlândia – MG
MARÇO / 2017**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
Instituto de História – INHIS
Curso de História

DE ELLEN WHITE A SANDRA ROBERTS:

Apontamentos para a história das mulheres Adventistas do Sétimo Dia

(1919-2013)

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharelado e Licenciatura em História, sob a orientação da Profª. Drª. Mara Regina do Nascimento.

**Uberlândia – MG
MARÇO / 2017**

Uberlândia, 13 de Março de 2017.

Banca Examinadora:

Profa. Me. Adriana Simões Monteiro Maciel

Prof. Me. Michel Angelo Abadio de Oliveira

Profª. Drª. Mara Regina do Nascimento (orientadora)

AGRADECIMENTOS

Nem todas as mais belas palavras do dicionário seriam suficientes para expressar a gratidão que tenho por todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desse sonho, mas mesmo sabendo disso não poderia deixar de escrever algumas poucas letras para tentar externar o que trago em meu coração.

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado o dom da vida, força e energia durante essa caminhada.

Aos meus pais Eduardo Carlos e Regina Helena por todo o amor que sempre me deram, pelo apoio emocional e também financeiro, nada do que escrever aqui será suficiente para expressar meu amor por vocês, vocês são meu eterno porto seguro.

Meus grandes amigos e companheiros de guerra Fabiana e Leonardo por tudo, pelas risadas, pelas conversas, pelos cineminhas e principalmente por aguentarem meu pessimismo com relação ao mundo ao longo desses cinco anos, se não fosse vocês não teria muitas das boas memórias que levarei comigo da UFU, sentirei muita falta dos nossos passeios de quinta feira.

A minha irmã Iara Cristina e minha avó Divina que mesmo de longe sempre estiveram comigo em todas as minhas conquistas, nos momentos bons e também nos ruins.

Meu querido Adriano por seu companheirismo e as boas horas de conversa que renderam preciosas reflexões, por seu apoio e carinho incondicional, você também é muito especial para mim.

A Minha Avó de coração Maria Gomes Valencia por ter me apresentado a fé em Jesus Cristo na Igreja Adventista da Promessa ainda na tenra idade, de todos os presentes do mundo a sr^a me deu o maior e melhor.

Todas as mulheres da Igreja Adventista do Sétimo Dia – Santa Mônica e Lucianópolis, por todas as horas de companheirismo e crescimento espiritual. Todas são muito especiais para mim, são irmãs que Deus me deu.

Por último mas não menos importante não poderia deixar de expressar minha gratidão por aqueles que me ajudaram a crescer nessa longa jornada que é o saber, meus eternos mestres.

Flavio Henrique Simão Saraiva por ter cuidado e nutrido meu amor pela História ainda nos anos do Colégio Máster, na pequena cidade de Duartina, por ter me ajudado a conseguir minha tão sonhada medalha de Ouro na Olimpíada Nacional de História do Brasil no ano de 2011, pelo apoio quando decidi fazer História e por ter acreditado em mim. Você pode ser considerado o pontapé inicial para essa conquista.

Aos professores Guimes Rodrigues Filho e Marta Emisia Jacinto Barbosa por tudo que fizeram por mim enquanto era bolsista PIBID, pelas horas de debate que me ajudaram a crescer intelectualmente e profissionalmente.

Professor Florisvaldo Paulo Ribeiro Jr por me incentivar a ousar e me ajudar a descobrir novas “paixões” dentro da História, sua disciplina de História Contemporânea II se tornou inesquecível para mim.

E por último aquela Mulher com “M” maiúsculo a quem tenho um carinho enorme e uma admiração maior ainda, aquela pessoa que abriu meus olhos para questões muitas vezes ignoradas, que acreditou em mim e contribuiu imensamente para que eu me percebesse como “pesquisadora-sujeito” Professora Mara Regina do Nascimento, minha orientadora, se hoje sou o que sou devo isso a você, muito obrigada é pouco para agradecer o muito que você fez por mim.

“Nós percebemos a importância de nossa voz quando somos silenciados”.

Malala Yousafzai

LISTA DE SIGLAS

IASD – Igreja Adventista do Sétimo Dia

ASA – Ação Social Adventista

ADRA – Agencia Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais

DORCAS - Serviço Benéfico e Social Adventista(Sociedade de Dorcas)

ASD – Adventista do Sétimo Dia

AG – Associação Geral

Sumário

RESUMO	9
INTRODUÇÃO	10
CAPITULO 1 – A FORMAÇÃO DO MOVIMENTO MILLERITA.....	12
1.1 DESDOBRAMENTOS DO GRANDE DESAPONTAMENTO: O NASCIMENTO DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA	17
1.2 A MENSAGEM DO ADVENTO A TODO O MUNDO CHEGA À AMÉRICA DO SUL	21
1.3 NOTAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA.	26
CAPITULO 2 – O GÊNERO EM DEBATE	29
2.1 APROXIMAÇÕES DOS ESTUDOS DE GÊNERO E RELIGIÃO: A TEOLOGIA FEMINISTA	32
2.2 O MICROPODER EM MOVIMENTO DENTRO DA IASD.....	36
2.3 REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NO LIVRO “FUNDAMENTOS DO LAR CRISTÃO”	40
CAPITULO 3 – AS FILHAS DE EVA REBELDE.....	46
3.1 – ELLEN WHITE E SEU CARISMA	46
3.2- A MULHER POR TRÁS DO SÁBADO: Rachel Preston	54
3.3 A POETISA DO HALL DOS PIONEIROS: ISOLINA AVELINO WALDVOGEL	55
3.4 – UMA CONQUISTA HISTÓRICA: ELLA SIMMONS	56
3.5 UMA MULHER NUM MAR DE HOMENS: SANDRA ROBERTS.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
BIBLIOGRAFIA.....	62
OBRA DE REFERÊNCIA	66
FONTES IMPRESSAS	66
FONTES ELETRONICAS.....	67

RESUMO

Se debruçar sobre as questões de gênero não é tarefa simples porque precisamos entender que a concepção binária não é suficiente para fazermos uma análise substancial. Também não podemos compreender o conceito de gênero como um sinônimo da palavra mulher, ele é mais complexo que isso. Estudar a dinâmica social exige que abandonemos o binarismo do mundo e que passemos a compreender as relações como fruto de “relações de poder”. Apropriando-me da noção de Foucault do micropoder pude compreender que a Igreja Adventista do Sétimo baseia suas relações em torno da palavra escrita, as mulheres Adventistas, maioria dentro dessa denominação fazem parte do mundo letrado, elas conquistaram seus espaços através da escrita. Elas são Professoras, Teólogas, Filosofas e Poetisas, mulheres que escreveram revistas e livros. Para realizar a minha análise recorri a fontes escritas. Se precisasse resumir o que procurei fazer em uma frase diria que é um trabalho introdutório sobre as disputas de gênero dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A escolha da temporalidade não está pautada em obra do acaso, o início em 1919 está relacionado com o reconhecimento oficial da atuação de Ellen White como profetisa pelos Adventistas do Sétimo Dia e o ano de 2013 também é carregado de profundo simbolismo, uma vez que marca a eleição da primeira mulher escolhida conscientemente para presidir uma União na América do Norte.

Palavras-chaves: Gênero, Igreja Adventista do Sétimo Dia, mulheres, pioneiras.

INTRODUÇÃO

A escolha desse tema para a escrita da minha monografia está intimamente relacionada com a minha trajetória pessoal. Fui membro de uma dissidência pentecostal Adventista chamada Igreja Adventista da Promessa por dezenove anos da minha vida. Os anos na Universidade Federal de Uberlândia me renderam não apenas um diploma de ensino superior, mas uma mudança radical na minha própria crença, dois anos após eu me mudar para Uberlândia com vinte anos de idade fui arrebanhada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia e desde então deixei de ser membro da dissidência para ser uma fiel da “célula original”.

Sempre tive uma vida religiosa ativa e desde meus três anos já participava de eventos na Igreja em que frequentava na cidade paulista de Lucianópolis, cheguei a cargos de liderança dentro da Igreja Adventista da Promessa e uma questão sempre me intrigava: onde as mulheres da Igreja Adventista da Promessa estavam? Por que elas só podem estar à frente de departamentos “femininos”? Por que o culto da mulher não podia ter apenas mulheres na plataforma? Quando mudei de denominação a questão feminina ainda continuava a me chamar a atenção, eu bem sabia que o movimento Adventista tinha tido uma profetisa que auxiliou na formação da Igreja Adventista do Sétimo Dia, mas e as outras mulheres? Só existiu Ellen White? Por que apenas homens pastoreavam as congregações? Tudo isso me levou a mergulhar na história da minha nova Igreja.

Minha pesquisa foi feita com base em análises internas do movimento Adventista. Meu objetivo foi analisar historicamente a luta feminina pelo direito de participarem integralmente da missão da Igreja, compreender como o micropoder de Foucault se comportava dentro dessa denominação Protestante norte americana e também apresentar cinco mulheres que desempenharam papéis de vanguarda dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia e que, á exceção de Ellen White, não têm suas historias conhecidas por uma considerável parcela de membros e até líderes.

Essa monografia foi organizada em três capítulos, no primeiro trato de questões mais introdutórias sobre a Igreja Adventista do Sétimo Dia como a formação histórica desde os tempos da pregação de William Miller passando pelo “Grande Desapontamento” de 1844, a Institucionalização do grupo remanescente desse evento em torno de uma denominação formalizada e desembocando na expansão missionária, até a chegada à América do Sul e sua inserção através das colônias alemãs do Sul do Brasil. Finalizo esse capítulo fazendo uma

pequena explicação sobre como a Igreja Adventista do Sétimo Dia está organizada a fim de que as pessoas que não conhecem a denominação consigam compreender sobre qual instância da hierarquia eclesiástica estou falando quando digo “Vice-presidente da Associação Geral” ou “Presidente da Conferência da Southeastern Califórnia”. O levantamento das fontes e a bibliografia permite caracterizarmos a IASD como uma confissão que se dá pela palavra escrita e não pela oralidade.

No capítulo dois me dedico aos estudos de gênero procurando compreender como surgiram os estudos de gênero, como as feministas explicam a perpetuação da dominação andrógena através do discurso religioso. Ainda nesse capítulo discuto sobre a Teologia Feminista e como esse despertar para as questões de gênero reacenderam uma antiga disputa política dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia. É nesse capítulo que podemos analisar como o micropoder se infiltra em todos os departamentos e reuniões administrativas, apresento casos em que as ordens, para manter as mulheres numa posição hierárquica abaixo da masculina, foram ignoradas e como corajosamente aos poucos a distinção de cargos para homens e mulheres, principalmente no tocante ao pastoreio foram sendo enfraquecidas. Finalizo as discussões desse capítulo debatendo a representação do feminino no livro da escritora Ellen White intitulado “Fundamentos do Lar Cristão”.

A História de algumas figuras femininas importantes dentro do movimento Adventista é apresentada no capítulo três. Nele conheceremos Ellen White, Rachel Oakes Preston, Isolina Avelino Waldvogel, Ella Simmons e Sandra Roberts. Há muitas outras que mereciam ter suas histórias retiradas do silêncio, a Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma igreja de mulheres, estatisticamente falando. Elas são maioria em todos os níveis de análise; mundialmente falando elas representam 54 % do total de membros representando mais de 10 milhões de membras, na América do Sul são 54,4% e no Brasil, o maior país Adventista da Divisão Sul Americana, a taxa chega a 57% do total.

Minha análise foi construída através de pesquisas bibliográficas em teses, monografias, livros e artigos e utilizei como fonte livros escritos por Ellen White, revistas institucionais (como a Revista Adventista) e notícias publicadas nos sites oficiais da denominação como o web site da Associação Geral, da Conferência Southeastern Califórnia, acervo digital do Centro de Pesquisas Ellen White e do Centro Nacional de Memória Adventista.

CAPITULO 1 – A FORMAÇÃO DO MOVIMENTO MILLERITA

Em 1812 teve inicio uma guerra confusa e mal executada que deveria ter durado apenas um ano, mas se estendeu pelo período de três anos, um conflito que teve papel fundamental na formação da identidade dos norte-americanos a ponto de ser considerada a segunda guerra de Independência e a inspiração para a letra do Hino Nacional. A “Guerra de 1812” ou “Guerra Anglo-Americana” foi o primeiro grande conflito que a jovem nação dos Estados Unidos da América enfrentou após a Independência em 1776.

Nos Estados Unidos é ensinado que três foram as causas que acenderam o estopim do conflito: a interferência por parte dos ingleses no comércio marítimo norte americano, incitação de ataques indígenas contra as fronteiras do país e o principal deles o sequestro de cidadãos estadunidenses para servir sua majestade no conflito contra Napoleão Bonaparte. Em 18 de junho de 1812 o então presidente Madison consegue aprovar no Congresso a declaração de Guerra; mas será que a jovem nação americana teria força bélica suficiente para enfrentar a maior potencia mundial?

Segundo estudiosos do conflito o país não tinha nem recursos financeiros para bancar uma guerra e muito menos humanos, os generais não tinham experiência em campo de batalha, não possuíam uma marinha estruturada e eram dependentes de milicianos para se defender.

Os ingleses começaram a guerra massacrando o exército dos Estados Unidos e tomando cidades importantes como Mackinaw, Dearborn e Detroit, tudo indicava que a superioridade do país europeu logo colocaria um fim na guerra e eles seriam os vencedores. Mas contrariando as suposições em 1815 a guerra chegou ao fim com a vitória dos norte-americanos. Você pode estar pensando mas o que tudo isso tem a ver com a formação histórica de uma denominação Protestante?

Aparentemente nada, mas antes de lhe contar o que as duas coisas têm em comum, correndo o risco de cometer o maior pecado de um historiador, quero chamar a atenção para um evento que ocorreu há muitos anos atrás e que é considerado um dos marcos do Cristianismo: a Batalha de Ponte Milvia. Em 312 D.C o Império Romano estava mergulhado em um conflito que definiria quem seria o governante da maior potencia mundial da época, de um lado temos Constantino e do outro seu rival Maxêncio. Conforme a tradição Constantino saiu vencedor do combate eliminando o inimigo graças a uma ajuda dada pelo Deus Cristão,

então ele eleva uma minoria perseguida ao status de religião oficial do Estado, segundo Paul Veyne: "Não se pode esquecer", escreve J. B. Bury, "que a revolução religiosa promovida por Constantino em 312 foi o ato mais audacioso já cometido por um autocrata, desafiando e desprezando o que pensava a grande maioria dos súditos".¹

Trouxe à tona, ainda que brevemente, a recordação da história de conversão do Imperador Constantino porque o início de nossa história também pode ser creditado a um sinal enviado pelos céus durante uma batalha, no nosso caso a de Plattsburg (NY) a um capitão voluntário das milícias americanas chamado William Miller.

William Miller nasceu em 15 de fevereiro de 1782 em Pittsfield no Massachussets numa família de tradição Batista. Quando jovem seus biógrafos contam que ele abandonou a crença familiar e passou a seguir o Deísmo, crendo piamente que Deus havia sim criado o mundo, mas o abandonara a sua própria sorte e não interferia mais nos assuntos terrenos. Essa crença durou até a explosão de uma bomba perto do referido capitão durante a batalha de Plattsburg. A experiência foi assimilada por ele como sendo um “milagre” e a posterior vitória dos Estados Unidos na Guerra foi indício mais que suficiente de que Deus ainda atuava na vida dos humanos. A guerra que teve início em 1812 finalmente chegou ao fim três dias depois do aniversário de 33 anos de William Miller em 18 de fevereiro de 1815 e desde então sua maior indagação era o “por que ele foi poupado?”

Com o fim da guerra e após a morte do pai em 1816, Miller se mudou com a família para Low Hampton (NY) a fim de cuidar da mãe e dos negócios do pai. Essa cidade é muito importante para sua trajetória como pregador, pois foi lá que ele, segundo contam, teve o seu “chamado divino” enquanto fazia a leitura do sermão para a comunidade por causa da doença do responsável pela mensagem no dia.

Desde então Guilherme Miller teria passado a estudar o texto bíblico diariamente e

Munido de sua Bíblia King James, versão 1769, bem como com a concordância do gramático Alexandre Cruden escrita especialmente para ela, ele prometeu a si mesmo não avançar para a perícopes seguinte até encontrar o pleno significado da anterior.²

¹ VEYNE, Paul. Quando nosso mundo se tornou cristão (312-394). Tradução de. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 5

² DARIUS, Fabio Augusto. A relação entre a praxis religiosa e a cultura “secularizada” em uma denominação cristã estadunidense. In: Protestantismo em Revista, São Leopoldo, RS, v. 27, jan.-abr. 2012. P 53

Dois anos depois, em 1818, concluiu que muitas das promessas bíblicas já haviam se cumprido, mas a maior delas o intrigava: Por que Jesus ainda não tinha vindo buscar seu povo? Um dia ao reler o texto de Daniel 8:14 ele se deparou com a seguinte afirmação: “E ele me disse: até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado”. Mas antes de falarmos sobre a conclusão do fazendeiro, vamos a mais uma nota histórica.

Desde o final do século XVIII e no início do XIX o Ocidente viu florescer um período de despertar e reavivamento religioso através do estudo dos livros proféticos da Bíblia Sagrada, ou seja, Daniel e Apocalipse some a essa equação o descontentamento com o sistema religioso vigente e uma “fascinação generalizada” pelo estudo da matemática, prática que se tornou popular nos Estados Unidos após a guerra de Independência e teremos então a receita para a formação de movimentos religiosos que pregavam o segundo advento de Cristo.³

Observação feita vamos retornar ao nosso fazendeiro Batista, após fazer muitas contas Miller concluiu que o segundo advento de Cristo seria entre 1843 e abril de 1844, mas não pense caro leitor que ele, assim que fez essa extraordinária descoberta saiu correndo pela cidade como Arquimedes de Siracusa gritando “Eureka! Eureka!”, sua reação segundo Schünemann foi totalmente o oposto, com medo de ter se equivocado permaneceu 13 anos em silêncio até que foi convencido por sua esposa, no início de 1830 a dividir com os Estados Unidos sua descoberta.

Miller não foi a primeira pessoa a pregar sobre a segunda volta de Cristo, na Europa homens já pregavam sobre essa temática, Edward Irving na Inglaterra e Escócia, Louis Gauchem na Suíça. A Alemanha contou com quatro pregadores: Brugel, Leonard Kelber, John Albert Bengel e Joseph Wolf, esse último ainda pregaria na África, Ásia e viajaria pelos Estados Unidos da América onde entre 1840 e 1844 encontrou pessoas que acreditavam que Jesus voltaria à Terra nesse período. O Imperialismo realizado por alguns países europeus, principalmente a Inglaterra que era tida como a maior potência do século XIX desempenhou papel fundamental na propagação dessa mensagem ainda que indiretamente. Enquanto os Ingleses estendiam sua influência e poder sobre outros países levavam consigo a sua língua o que facilitava para esses missionários falantes do Inglês a propagação de suas ideias.

³ DARIUS, Fabio Augusto. A relação entre a praxis religiosa e a cultura “secularizada” em uma denominação cristã estadunidense. In: Protestantismo em Revista, São Leopoldo, RS, v. 27, jan.-abr. 2012.

Na América Latina alguns homens também chegaram a conclusões parecidas com as tidas por Miller e posteriormente Urias Smith sobre o significado profético contido no texto de Daniel são eles José Maria Gutierrez de Rosas, Francisco Ramos Mexia, Manuel Belgrano e Manuel Lacuza, no Chile, Argentina e México, dos quatro o Pe. Lacuza pode ser apontado como o mais conhecido.⁴

William Miller nunca se tornou um sacerdote, desde o princípio de sua pregação até o final dela se manteve como um leigo, apresentando-se em suas conferências como “um simples fazendeiro”. Ao longo dos 13 anos que espalhou sua descoberta pelos Estados Unidos os Milleritas conseguiram ao pregar em 500 cidades aproximadamente, convencer 200 pastores e reunir 100 mil pessoas para aguardar o retorno de Cristo, some mais um milhão de céticos que acompanhavam e esperavam os desdobramentos da historia. Carvalho explica que o movimento Millerita floresceu “em uma época de especial união do espírito revivalista e democráticos caracterizadores do solo americano”⁵. Enquanto William Miller pregava na cidade de Exeter em New Hampshire seu caminho se cruzou com o de um publicitário abolicionista chamado Josué Vaughan Himes.

Josué Himes nasceu em 19 de maio de 1805 em North Kingdon – Rhode Island, seu pai foi um rico comerciante das Índias Orientais que perdeu toda a fortuna da família ao ser “traído” pelo capitão de um de seus navios que levava uma valiosa carga para a Índia, sem perspectiva de poder enviar o primogênito para a universidade mandou o jovem Josué até New Bedford para aprender uma profissão. Em 1825 ele entrou para a Associação Cristã de Massachussets onde fez carreira ministerial, uniu-se a um capitão chamado Joseph Bates para combater o tráfico de bebidas alcoólicas e por conta de suas aspirações progressistas se tornou assistente de William Lloyd Garrison um importante jornalista e abolicionista na luta contra os males provocados pela escravidão. Sua capela em Boston localizada na Rua Chardow tornou-se sede para reuniões reformistas de todos os tipos. Quando ouviu a pregação de Miller em novembro de 1839 não teve dúvidas de que o pregador deveria ir até as grandes cidades. Himes foi o propagandista do movimento Millerita, em 20 de março de 1840 ele espalhou a primeira edição do periódico “Signs of the times” (Sinais dos tempos) contendo sermões de William Miller. Mas esse não será o único periódico organizado por ele, em 1842 durante

⁴ GREENLEAF, Floyd. Terra de esperança: o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul. Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p 26.

⁵ CARVALHO, FRANCISCO LUIZ GOMES DE. O lugar da profetisa na história do adventismo In: PERETTI, Clélia (Org.) Congresso de Teologia da PUCPR, 10, 2011, Curitiba. Anais eletrônicos... Curitiba: Champagnat, 2011. p 188

uma Conferência em Nova York ele dá início a publicação da revista “Midnight Cry” (O Clamor da Meia Noite) que foi vendido diariamente durante o evento na cidade e posteriormente passou a ser publicado semanalmente. Segundo a enciclopédia Adventista do Sétimo Dia no período da conferencia foram vendidas 10 mil copias desse periódico.⁶

Em 13 de outubro de 1840 aconteceu a 1ª Conferência Millerita em Boston que não foi cancelada graças à atuação de Himes, poucos dias antes do evento William Miller contraiu Febre Tifoide e ficou impedido de comparecer ao compromisso. Josué Himes assumiu a direção da conferencia que reuniu alguns dos que viriam a ser mais tarde líderes da Igreja Adventista do Sétimo Dia, entre eles estavam Hiram Edson e Joseph Bates. Uma observação deve ser feita, apesar de Edson e Bates anos depois ajudarem na organização da IASD nesse primeiro momento nem eles, ou qualquer outro membro do movimento Millerita tinham interesse em fundar uma nova denominação. Esse foi um movimento interdenominacional que uniu pessoas de diferentes credos para anunciar que em 1843 ou 1844 Jesus viria purificar a Terra.

Em 12 de agosto de 1844 Himes organizou uma conferência em Exeter numa tenda com capacidade para seis mil pessoas, mas antes de seguir para a reunião principal Miller vai ao encontro de Joseph Bates que dirigia uma conferência menor, nessa data Samuel Snow trouxe uma noticia que deixaria uma parcela dos Milleritas, mas não Miller, alvoroçados. Se você recordar a poucas paginas disse que Guilherme Miller afirmava que Jesus retornaria à Terra até abril de 1844, mas já estamos em agosto. A descoberta de Snow tinha o motivo para a confusão, o ano estava certo, mas não o período, segundo Samuel Snow Jesus morreu na primavera perto da Páscoa, mas o dia da expiação não era em abril e sim no outono, no 10º dia do 7º mês que naquele ano cairia em 22 de outubro. Faltando tão pouco tempo para o dia do juízo final os seguidores de Miller intensificaram sua pregação para salvar quantas almas fosse possível, naquele ano colheitas não foram realizadas pelas pessoas incluindo Joseph Bates que venderam suas posses e tiveram a família destruída por conta da crença na data de 22 de outubro.

Os meses passaram dia 22 de outubro começou e passou e como estamos aqui nesse planeta ainda vivos podemos concluir que Jesus não veio, esse evento ficou conhecido como o “Grande Desapontamento”. Os seguidores de Miller ficaram profundamente amargurados, foram motivo de mais chacota, alguns retornaram para suas congregações e pediram perdão

⁶ ASSOCIAÇÃO GERAL. Himes, Josué Vaughan. IN: Enciclopédia Adventista do Sétimo Dia. Maryland: Review and Herald, 1966.p 630.

ao líderes por não terem dado ouvido a eles, enquanto outros se reuniram para tentar descobrir onde haviam errado.

Os Adventistas do Sétimo Dia atribuem os próximos capítulos dessa História como um sinal de que eles são o povo escolhido pelo todo poderoso para ser a Igreja Remanescente do Tempo do Fim. Essa crença do povo Escolhido foi muito importante para manter a unidade do grupo depois desse período de divisões e conferir uma identidade denominacional para a nova Congregação que iria se formar 19 anos mais tarde.

1.1 DESDOBRAMENTOS DO GRANDE DESAPONTAMENTO: O NASCIMENTO DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

Os adventistas do Sétimo Dia dividem sua história em dois grandes momentos, o primeiro pós-grande-desapontamento é marcado como o período de apreensão das verdades fundamentais e o segundo através do senso de missão e os vários estágios do crescimento da sua obra como instituição formalizada.

Como vimos anteriormente o Millerismo empolgou os estados da Nova Inglaterra, Ohio, Filadélfia e Michigan, mas 22 de outubro de 1844 findou e a esperança da maioria dos Milleritas foi esmigalhada. Um pequeno grupo de aproximadamente 50 pessoas continuou buscando auxílio divino para compreender onde estava o erro, se era na data ou no evento. A manhã de 23 de outubro de 1844 chegou trazendo esperança e um elemento que os manteria unidos, Hiram Edson enquanto caminhava por um milharal rumo à casa de outros fiéis Milleritas recebeu não se sabe ao certo se por visão ou através de um pensamento a “confirmação divina” que a data marcada por Samuel Snow estava correta, mas não o evento, na mensagem enviada a Edson nascia à espinha dorsal de toda a futura teologia Adventista do Sétimo Dia: a doutrina do Santuário Celestial e do Juízo Investigativo.

A Doutrina do Santuário foi considerada a explicação para o porquê da volta de Jesus não ter acontecido em 22 de Outubro de 1844. Os Adventistas do Sétimo Dia acreditam que no céu existe um Santuário idêntico ao erguido por Moisés durante os tempos Bíblicos de peregrinação pelo deserto e que as práticas rituais ocorridas nesse local também são semelhantes às praticadas pelos sacerdotes terrenos. Jesus ocuparia o cargo de Sumo Sacerdote e seria o responsável por representar os humanos perante Deus, o Pai. O dia que ficou conhecido como “Grande Desapontamento” marcaria oficialmente o início do chamado “Juízo Investigativo” ou Juízo pré-advento, onde Cristo estaria analisando todos os atos do ser

humano, começando pelos mortos e verificando se a pessoa está condenada à perdição eterna ou a salvação, a conclusão dessa fase de constatação na visão Adventista acontecerá pouco antes da volta de Cristo com o fechamento da Porta da Graça e o encerramento da possibilidade de salvação dos que forem considerados ímpios.

Ainda no ano de 1844 acontece outro fato importante para esse grupo, uma jovem garota de apenas 17 anos do estado de Maine começa a “receber” visões, seu nome Ellen Gould Harmon, já adianto que alguns foram céticos a seu “dom”, mas isso é assunto do terceiro capítulo. O que nos basta saber por enquanto é que a revelação de Hiram Edson e as visões dadas a Ellen Harmon foram as responsáveis por manter o grupo Millerita unido sem se dividir mais.

No verão de 1848 tem início uma série de conferências regionais que receberam o nome de “Conferências Sabáticas”, a primeira delas foi realizada na Nova Inglaterra e teve a ilustre presença de Hiram Edson defendendo a doutrina do Santuário Celestial, Joseph Bates proclamando sobre a guarda do sábado e Ellen Harmon com seu dom de profecia. Após inúmeras reuniões como essa, no ano de 1859 James White sugere a unificação do grupo em torno de uma Congregação formal.⁷

Os ecos da Revolução Americana do século XVIII ainda podiam ser ouvidos e a máxima que os americanos deveriam duvidar de tudo, principalmente de organizações com forte poder centralizador se tornou um empecilho a ser superado para que a fundação de uma denominação pudesse ocorrer. Como já dito anteriormente os Milleritas não queriam formar uma nova congregação quando decidiram seguir William Miller, acreditavam que se a Institucionalização não fosse uma ordem divina estavam fadados a se tornar aquilo que tanto combatiam já no início. É nesse contexto que o Carisma de Ellen White e suas visões auxiliaram na resolução do conflito⁸ e em 1861 após superarem a aversão foi organizada a 1ª associação e teve a escolha do nome Adventista do Sétimo Dia.

Em maio de 1863 Battle Creek se transformou na “cidade do Advento” com a transferência da redação e impressão da revista *Adventist Review and Sabbath Herald*⁹ para lá

⁷ FILHO, José Jeremias de Oliveira. Formação histórica do movimento adventista. ESTUDOS AVANÇADOS 18 (52), 2004. p 163. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10030/11602>

⁸ O conflito aqui mencionado está relacionado com a resistência de parte dos membros do grupo remanescente Millerita ao qual Ellen White e James White faziam parte, de se unirem em torno de uma denominação. Eles não queriam fundar uma nova igreja e a resistência foi vencida através da atuação de Ellen White, o que possibilitou em 1863 a fundação da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

⁹ É uma revista publicada pela Igreja Adventista do Sétimo com a finalidade de manter seus membros informados sobre assuntos relativos a Igreja e seus avanços no campo Missionário. Começou a ser publicado em

e a fundação de um hospital, a cidade foi sede da Conferencia Geral até 1903 quando foi transferida para Washington em 10 de agosto. Mas não foi só por isso que Battle Creek recebeu esse título, fontes históricas afirmam que a parte oeste da cidade era toda formada por Adventistas do Sétimo Dia.

A Igreja se formalizou como denominação com nome próprio num período sangrento da História americana, se olharmos atentamente para os fatores fora da denominação, podemos constatar que os Estados Unidos estavam vivendo um verdadeiro derramamento de sangue em seu território. A Guerra civil Americana ou Guerra de Secessão teve seu auge em 1862 e abriu feridas sociais que ainda não estão cicatrizadas 155 anos depois, ódios antigos ainda estão ativos e naquele período estavam mais latentes. Com a vitória do norte e a assinatura da abolição da escravidão à esperança de ex-escravos se chocou com a segregação racial até dentro das denominações ditas Cristãs, congregações se dividiam e abriam templos exclusivos para negros e brancos. A Igreja Adventista do Sétimo Dia não enfrentou esse problema de segregação porque não possuía membros na região sul do país.¹⁰

Mas a pergunta que salta a nossa mente é: afinal porque se organizaram se não queriam uma nova denominação?

A resposta para tal indagação se encontra na história do marido da profetisa que já passou a adotar o sobrenome White. James White era o redator e responsável pela publicação da revista *Adventist Review and Sabbath Herald*, a gráfica responsável pela impressão do periódico estava localizada na casa dos White e registrada no nome de James, ele tinha o desejo de transferir a propriedade para o nome da Igreja, mas como fazer isso sem uma organização formal e um nome? Outro fator é que o número de membros já era o suficiente para que houvesse um controle, aproximadamente três mil membros registrados.

O Modelo de organização Adventista é uma fusão de modelos existentes na época como do Metodismo e do Presbiterianismo. Foi adotada a Organização por meio de Associações, o presidente da Associação geral seria eleito por um ano e poderia concorrer à reeleição, a Igreja seria administrada através de comissões porque julgaram que a distribuição do poder seria mais seguro. Antes de um ponto de vista ser adotado pela organização o seu formulador deveria convencer aos delegados reunidos em assembleia de que ele está correto, nada seria aprovado sem o apoio da maioria dos representantes.

1849 por James White e recebeu originalmente o nome de *The Present Truth*. Quase todos os campos missionários publicam periódicos como esse, no Brasil ele recebeu o nome de *Revista Adventista*.

¹⁰ GREENLEAF, Floyd. *Terra de esperança: o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul*. Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

Durante os primeiros anos os Adventistas não estavam preocupados com missão e em provocar o crescimento de suas fileiras, entre 1844 e 1863 não se falava em levar a mensagem do Advento a todo mundo, pelo contrário acreditavam que a porta da graça já estava fechada e não havia mais possibilidade de salvação para quem não havia aceitado a pregação de William Miller. Mas a porta da graça não poderia permanecer fechada eternamente e logo eles compreendem que o tempo do fechamento ainda não havia chegado e desenvolvem seu senso de missão.

A década de 1870 marca o envio do primeiro missionário Adventista para o exterior, John Nevins Andrews foi o primeiro obreiro a ter um chamado permanente da Associação Geral para atuar na Suíça.

Na década de 1880 outros continentes foram alcançados até que em 1889 a fim de acelerar a Missão Mundial e consequentemente, na visão deles, abreviar a volta de Jesus foi criada por voto a “Comissão de Missão estrangeira”. As Terras da América do Sul em breve deveriam receber a atenção dos dirigentes de Battle Creek. Em três de janeiro de 1890 foi discutido pela primeira vez o envio de obreiros de sustento próprio para as terras ao sul do continente americano.¹¹

Esses obreiros deveriam vir até à região para fornecer informações a Associação e definir o melhor método para a infiltração do Adventismo na região, seguindo o conselho de P.T. Morgan o método escolhido foi pela venda de livros, chamado pela Instituição de Colportagem¹². Os Colportores iniciariam o trabalho com os Imigrantes da região e assim através da doação das ofertas do 2º semestre de 1890 da Escola Sabatina¹³ a obra Adventista chega ao cone Sul. Uma curiosidade é que a prática de destinar recursos para obras de expansão, educação e evangelismo ainda é mantida pela denominação, a cada três meses é

¹¹ GREENLEAF, Floyd. Terra de esperança: o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul. Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p 28.

¹² A Colportagem surgiu como um Ministério dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia no ano de 1881 através da atuação de George King. Os Colportores vendem livros nas área de saúde, revistas infantis e também literatura denominacional. Todos os anos milhares de estudantes Adventistas da América do Sul dedicam parte de suas férias para a venda dos livros a fim de falarem de Jesus para as pessoas e também juntar dinheiro para o pagamento de seus estudos no semestre subsequente. Além dos colportores eventuais existem os Colportores Profissionais que são registrados pela denominação.

¹³ A Escola sabatina é uma reunião realizada todos os sábados nas congregações Adventistas ao redor do mundo, nela os membros da Denominação se juntam para estudar a Bíblia. Os Adventistas adotaram um caderno de estudo chamado Lição da Escola Sabatina que dita quais temas serão estudados pelos fiéis durante três meses. A Prática não é invenção dos Adventistas do Sétimo Dia e se baseia na tradição Protestante do Estudo nas escolas Bíblicas Dominicais.

realizada uma Escola Sabatina diferente chamada de 13º sábado onde os fiéis destinam suas ofertas para projetos previamente determinados.¹⁴

1.2 A MENSAGEM DO ADVENTO A TODO O MUNDO¹⁵ CHEGA À AMÉRICA DO SUL

Os Colportores chegam na última década do século XIX que é apontada como divisor de águas, encontram países abalados politicamente e enfrentando futuros incertos após as guerras de Independência. Esses homens acreditavam que estavam trazendo uma novidade para os povos sul-americanos, não podiam estar mais enganados, a crença no retorno de Cristo como falamos brevemente ao citar o Pe Lacuza e outros já era difundida há muito tempo e o sábado também não era inovação. Ao contrário do que se pode imaginar os Adventistas do Sétimo dia não foram os primeiros guardadores do 4º mandamento na America, Raymond Cotrell citado por Greenleaf demonstra que os primeiros a adotarem essa prática foi uma colônia de Cripto-Judeus vindos em 1502 para o Brasil depois de enfrentarem a Inquisição.

Esses missionários não recebiam salário da Associação Geral e também não eram ministros ordenados, sua sobrevivência dependia exclusivamente do sucesso da venda de livros. A Escolha do local para desembarque e início da obra de publicações foi feito as cegas pelos dirigentes de Battle Creek que não conheciam a proporção de falantes do inglês de nenhuma das grandes cidades da America do Sul. O 1º grupo desembarcou em Montevideu no Uruguai em 10 de dezembro de 1891, ao todo vieram três homens: Elwin W. Snyder, Clair A. Nowlen e Albert .B. Stauffer e os problemas começaram logo após o desembarque, a comida era cara e descobrem que apenas revendedores oficiais poderiam comercializar livros. O único ponto positivo relatado pelo trio a Associação Geral era o valor do transporte e postagem que consideraram barato. O grupo rumo à Argentina onde se dividem: Stauffer vai para o norte e constata que o dólar alto tornava os livros inacessíveis aos operários, posteriormente rumo para o Brasil a fim de trabalhar com as comunidades Alemãs.

A situação do Brasil, por essa época, não era das melhores, um ano antes do início da última década do século XIX o Exército depõe o monarca D. Pedro II e o exila com sua

¹⁴ Para mais informações a respeito da pratica do 13º sábado, acesse o seguinte endereço: <http://www.adventistas.org/pt/escolasabatina/projeto/informativo-mundial-das-missoes/>

¹⁵ Esse subtítulo foi inspirado no alvo do Ministério Jovem Adventista que determina que os jovens devem levar a “Mensagem do Advento a todo o mundo em minha geração”.

família na França, o novo regime passava por sérios ataques. No início de 1893 os Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina se rebelam lutando na Revolução Federalista, sobre esse conflito o movimento adventista tem uma pequena participação, ainda que sem querer¹⁶. O ano de 1893 tinha começado difícil para um dos colportores: E. W. Snyder teve de lidar com o atraso da versão em espanhol do livro “Patriarcas e Profetas” de Ellen Gold White a solução encontrada por Snyder foi pegar caixas lotadas de livros em inglês para vender na cidade do Rio de Janeiro. Para chegar até o Brasil sobe a bordo do Navio Brasileiro Júpiter, mas o que o colportor não esperava é que a embarcação tinha revolucionários a bordo que o sequestrariam. Fato é que o Júpiter ficou nas mãos do Almirante Eduardo Wandenkolk¹⁷ por duas semanas até que foram vencidos e a embarcação recuperada, no meio da história Snyder perdeu todos os livros que levava consigo.¹⁸

Toda essa confusão política que o país enfrentava não desestimulou a imigração que crescera a partir da segunda metade do século XIX, Henrique M. Silva¹⁹ afirma que o Brasil recebeu dois tipos de imigração, a primeira a partir de 1820 quando as colônias no sul do país começam a ser povoadas e a segunda leva com a expansão da cafeicultura. As colônias alemãs exerceram papel fundamental na inserção do Adventismo no Brasil.²⁰

Floyd Greenleaf afirma que em meados de 1880 alguns adventistas vieram do sul da Rússia para a cidade de Rio dos Cedros (SC), ao mesmo tempo em que alguns alemães, entre eles estava a família de Frederick Wilhelm Kumpel. Sua esposa Helena Kumpel tinha sido batizada como sabatista²¹ na Alemanha em 1866, não pelos Adventistas ainda, mas Greenleaf

¹⁶ GREENLEAF, Floyd. Terra de esperança: o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul. Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p 32.

¹⁷ SENADO FEDERAL. Anais da República. Livros 4, 1893. p 33 – 36.

¹⁸ Idem 16.

¹⁹ SILVA, Henrique M. Adaptação pioneira dos imigrantes da letônia na terra prometida. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: João Pessoa, 2003. p 1. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.293.pdf>

²⁰ Para mais informações ver SCHUNEMANN, Haller Elinar Stach. A inserção do Adventismo no Brasil através da comunidade alemã. Revista de Estudos da Religião Nº 1 / 2003 / pp. 27-40. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv1_2003/p_schune.pdf e O papel das imigrações no crescimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Estudos de Religião, v. 23, n. 37, 146-170, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/1521/1547>

²¹ Segundo o dicionário Sabatista é a Pessoa que, por preceito religioso, guarda os sábados. Do por do sol da sexta feira até o por do sol do sábado essas pessoas não praticam nenhuma atividade para satisfazer seus interesses pessoais. Eles vão à Igreja pela manhã e no período da tarde se dedicam a ajudar o próximo visitando enfermos, auxiliando idosos e também realizam programas evangelísticos. Os Sabatistas consideram o sábado conforme está escrito em Exodo 20:8-11 o dia separado por Deus para sua adoração, metaforicamente falando esse dia de descanso das atividades seculares pode ser considerado como o “dízimo” dos dias da semana.

acredita que seu batismo seja o mais antigo de um sabatista na América do Sul. Ela e o marido foram morar em 1892 na cidade de Boa Vista do Guilherme.²²

A propagação do Adventismo no Brasil é creditada a um episódio que a princípio parece inusitado, mas não impossível. Se aceita que o início da pregação Adventista em nossas terras não tenha sido feita por nenhum missionário ou obreiro da denominação, ela remonta a bem antes da chegada do colportor Stauffer. Um alemão de nome Carlos Dreefke morador da cidade catarinense de Brusque recebeu inesperadamente e sem ter solicitado 10 exemplares do periódico “*Stimme der Wahrheit*” (Voz da verdade) publicado por Louis Conradi em Battle Creek. Carlos Dreefke após insistência de Davi Hort, o dono da loja onde as correspondências da vila eram deixadas, aceita ficar com a encomenda porém pouco tempo depois desiste com medo de ser cobrado pela literatura. Dreefke passa a incumbência de receber o periódico a um contrerrâneo que logo perde o interesse também. É a partir desse ponto que a história começa a ficar inusitada, um bêbado da cidade, que não teve seu nome a nós legado, resolve receber as publicações e trocá-las por bebidas alcoólicas. Hort o dono da venda também utilizava os papéis para embalar mercadorias e assim “Voz da Verdade” chegou até os lares alemães de Brusque e Gaspar Alto.²³

Como Carlos Dreefke foi parar nas listas de destinatários do periódico é um mistério que até o presente momento não foi solucionado, a história é marcada por muitas especulações que através da repetição passaram a ser aceitas como a realidade. A resposta mais aceita é que o enteado de Dreefke chamado Borchard enquanto fugia do Brasil como clandestino em um navio rumo à Alemanha teria encontrado com dois missionários Adventistas que também estavam fazendo a travessia do Atlântico e deu a eles o endereço de Brusque, se o encontro realmente aconteceu ninguém se atentou de registrar.²⁴ A história apesar de tudo pode fazer sentido, Hallen Elinar reunia em Battle Creek algumas mulheres todas as semanas a fim de enviar revistas e livros Adventistas para regiões onde não havia a presença de ninguém da denominação na esperança de ocasionalmente converterem alguém.²⁵

²² GREENLEAF, Floyd. Terra de esperança: o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul. Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p 24.

²³ GREENLEAF, Floyd. Terra de esperança: o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul. Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p 25.

²⁴ GREENLEAF, Floyd. Terra de esperança: o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul. Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

²⁵ SCHUNEMANN, Haller Elinar Stach. O papel das imigrações no crescimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Estudos de Religião, v. 23, n. 37, 146-170, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/1521/1547>

Os papéis espalhados pela ação do bêbado e do dono da venda produziram frutos para o Adventismo, um dos leitores deles e que deu crédito ao que estava escrito foi Guilherme Belz, após uma conversa descobriu que o seu irmão tinha a versão em alemão do livro sobre as revelações de Daniel escrito por Urias Smith e que este tinha chegado à cidade em um dos carregamentos do bêbado. Belz estudou os dois livros junto com sua esposa Johanna Belz e os dois acreditaram na mensagem ali contida. Os dois são considerados os 1º conversos do Adventismo no Brasil, a notícia de sua conversão chega até os diretores em Battle Creek e isso estimula a vinda de Albert B. Stauffer para o nosso país.

Quando chega ao Rio de Janeiro o colporteur conhece e converte o jovem Albert Bachmeyer, um marinheiro cristão que passa a vender literatura entre os imigrantes de SP e SC foi Bachmeyer quem encontrou as famílias guardadoras do sábado de Brusque e Gaspar Alto. A principal reclamação de Stauffer sobre a obra no Brasil era a ausência de literatura em língua portuguesa e a falta de obreiros. Após fazer pedidos a Conferência Geral eles decidem dar mais atenção ao Brasil.

Frank e Mary Westphal chegam à Argentina em julho de 1894 e apesar de não serem os primeiros Adventistas a virem para a América do Sul, recebem destaque na história da futura Divisão Sul Americana por serem os primeiros Obreiros Ordenados a receberem um chamado permanente para essa região. Desembarcam em La Prata e rumam para Buenos Aires onde encontram núcleos adventistas já estabelecidos, alguns estavam batizados e outros não. O irmão de Mary também vem com a família para a América do Sul, mas desembarcaram no Rio de Janeiro, a chegada dos Thurston atendeu parcialmente o pedido de Stauffer já que o casal não era ordenado e estava vindo sem o apoio da Conferência Geral, a credencial missionária deles só foi votada meses após o início da obra, chegam a uma cidade nova, com um idioma desconhecido e sem conhecer ninguém. William H. Thurston passou a ser o responsável com A. B. Stauffer pela distribuição dos livros no Brasil, ele no interior do país e Stauffer nas colônias europeias.

No início da obra na América do Sul a maioria dos problemas que eram relatados aos superiores nos Estados Unidos era a falta de recursos econômicos e de mão de obra, o dinheiro de todos os campos missionários era distribuído pela sede na América do norte logo, todos os pedidos por menor que fossem demoravam a chegar. A ausência de Obreiros falantes do espanhol também preocupava Westphal que estava responsável por organizar e administrar a igreja nessa região. Com todos esses problemas em mente ele parte em 1893 para uma viagem até o Brasil onde procuraria os conversos relatados pelos colportores.

Em sua passagem pelo país, Westphal pregou em São Paulo, Joinville, Dois Córregos e cidades do sul do Brasil, suas pregações renderam no primeiro mês o número de 20 batismos e o primeiro deles foi de Guilherme Stein Jr.²⁶, filho de imigrantes Suíço e Alemão ele se preparou para o batismo lendo *Der große Kampf* (O Grande Conflito) livro que foi vendido à avó de sua esposa por “dois homens que não bebiam café”²⁷, seu batismo é um marco para o Adventismo Brasileiro. Guilherme Stein Jr. foi o primeiro batizado no país e fez carreira como tradutor trilingue, seu batismo em Piracicaba marca o início oficial da IASD em São Paulo.

Após deixar São Paulo para traz Westphal viaja até a região sul do país onde viu pelas janelas do trem o cenário destruído pela revolução Federalista foi lá que pela primeira vez encontrou opositores da fé Adventista em Brusque. Na vizinha Gaspar Alto realizou uma Santa Ceia às margens de um rio onde batizou mais 23 pessoas, incluindo Guilherme Belz e a esposa. É nessa região que também organizou a 1ª Igreja Adventista do Sétimo Dia do Brasil, mas a falta de recursos financeiros o obriga a retornar para casa em Buenos Aires.²⁸

Como a falta de obreiros era um problema constante na América do Sul os líderes da região decidiram importar um método dos Estados Unidos que auxiliou no crescimento da Igreja e ajudou a suprir em partes a ausência de Pastores: as reuniões em grandes tendas. Essas reuniões tinham dois propósitos, o primeiro suprir a falta de pastores e o segundo desenvolver o sentimento de fraternidade Cristã.

As reuniões gerais começaram a ocorrer no Brasil em 1898 através do cunhado de Westphal, Thurton que no ano anterior visitara a Argentina e voltara cheio de ideias. Em maio de 1898 ocorre a primeira reunião na cidade de Curitiba onde a Igreja tinha um colégio que servia de sede para as 14 horas diárias de discussão. As igrejas do Brasil viraram uma Associação Organizada com 15 Congregações e 860 membros no ano de 1902 numa reunião geral feita em Gaspar Alto.²⁹

²⁶ GREENLEAF, Floyd. Terra de esperança: o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul. Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p 41.

²⁷ Essa frase foi colocada aqui para ressaltar a estranheza que esse hábito de não beber café gerava no Brasil do século XIX. Por princípio os Adventistas do Sétimo Dia não consomem nenhuma bebida alcoólica ou estimulante como o café. Eles consideram que devem se abster de qualquer alimento que possa gerar danos à sua saúde. Essa prática está intimamente ligada à noção que o corpo do fiel não pertence mais a ele e sim a Deus.

²⁸ GREENLEAF, Floyd. Terra de esperança: o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul. Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p 42.

²⁹ GREENLEAF, Floyd. Terra de esperança: o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul. Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p 85.

1.3 NOTAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA.

A Igreja Adventista do Sétimo Atualmente é gerenciada através da divisão de administração em órgãos menores. Existe 1 (uma) Associação Geral com sede na cidade de Silver Spring, em Maryland nos Estados Unidos, responsável por administrar todas as congregações ao redor do mundo. Porém o presidente da Igreja, Pastor Ted Wilson não seria capaz de gerenciar sozinho os mais de 19 milhões de membros, assim para facilitar foram estabelecidos em locais estratégicos, que podem ser continentes inteiros ou determinadas áreas geográficas menores, braços da Associação Geral chamados de Divisão. O líder de uma Divisão é o responsável por administrar todas as Uniões formalizadas na área de atuação geográfica da sua divisão. As Uniões são unidades menores que uma Divisão, e são formadas pela junção de várias Associações ou Missões, normalmente as Uniões são formadas por Estados ou Províncias. Cada região dentro de um estado possui um número determinado de congregações que formam unidas uma Associação ou Missão. A menor célula de organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia chama-se Igreja Local que é onde a vida religiosa dos membros acontece.

Para tornar mais claro o que eu tentei explicar vou utilizar como exemplo uma das Congregações, a Igreja Adventista do Sétimo Dia na cidade de Uberlândia possui aproximadamente 24 células menores que chamaremos de Igreja Local. Uma dessas células fica localizada na Rua Jorge Martins Pinto, número 745 no bairro Santa Mônica. Essa célula se unirá com outras espalhadas pela região central do estado de Minas Gerais e formará um tecido, esse tecido em nível administrativo recebe o nome de Associação Mineira Central com sede na cidade de Belo Horizonte. Mas esse tecido precisa se juntar a outros tecidos para formar um órgão completo, para que então esse órgão tome forma a Associação Mineira Central se une com outras Associações e Missões localizadas nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro e assim, elas juntas, formam um órgão completo que será denominado de União Sudeste Brasileira com sede no Rio de Janeiro. No Brasil nós temos oito “órgãos” que unidos com mais outros oito órgãos exteriores irão formar a Divisão Sul Americana, que no caso não seria um corpo completo visto que essa função é da Associação Geral. A Divisão Sul Americana com sede em Brasília pode ser considerada um membro desse corpo, no mundo existem ao todo 13 membros que são as 13 divisões que administram a Igreja através de seus delegados nas votações dos concílios.

Os números da Igreja Adventista do Sétimo Dia não são pequenos, a denominação está presente em mais de 200 países, possui 63 editoras, 700 hospitais, 7883 estabelecimentos de ensinos (nessa conta estão incluídas instituições que oferecem ensino infantil, fundamental, médio, superior e as que operam no regime de internato), são 81.550 Igrejas e mais de 69.000 grupos³⁰, além de 14 sedes do canal Novo Tempo (ou Hope Channel em Inglês) e fabricas de alimentos.³¹

Na América do Sul a obra também não fica muito atrás, a partir da cidade de Brasília, capital do Brasil o presidente da Divisão Sul Americana administra 13 faculdades e universidades, duas escolas de medicina localizadas na Argentina, mais de dois milhões de membros e 10.600 Igrejas, o Brasil possui o maior número de membros Adventistas da Divisão, o serviço educacional no país conta com 450 instituições e cinco universidades, uma editora a Casa Publicadora Brasileira responsável pela publicação da revista infantil “Turma do Nosso Amiguinho” e a sede da TV Novo Tempo para a América do Sul.³²

As mulheres Adventistas do Sétimo Dia administrativamente se organizam através de um departamento chamado Ministério da Mulher, seu principal objetivo é promover o engajamento delas na Missão da Igreja, além de encontrarem um espaço onde podem satisfazer suas necessidades físicas, mentais e espirituais e encontrar apoio nas “horas mais difíceis da vida” como divórcio, viuvez, solidão.

Sua fundação ocorreu em 1898 através da atuação de Sarepta Myranda Irish Henry, ex-fiel da Igreja Metodista, professora e proeminente evangelista nacional da União de Temperança das Mulheres Cristãs. Após sofrer um colapso nervoso em 1896 ocasionado pelo excesso de trabalho, Sarepta ficou internada no Sanatório de Battle Creek de onde saiu curada e professando uma nova fé. Dois anos depois, em 1898 recebeu a autorização da Associação

³⁰ O grupo é um estágio anterior a formação de uma Igreja, os grupos são formados por membros batizados da denominação, porém ainda não atingiram o número mínimo de pessoas para serem considerados uma Igreja, eles podem se reunir em casas ou possuir um templo próprio. Quando crescerem o suficiente o pastor distrital deve enviar um pedido de formalização para a Associação responsável que analisará se o grupo possui condições humanas e financeiras para se manter e só então após a aprovação da Associação tem o seu status alterado.

³¹ MCCHESENEY, Andrew. Igreja Adventista ultrapassa 19 milhões de membros. 2016. Disponível em: <http://noticias.adventistas.org/pt/noticia/institucional/igreja-adventista-atinge-19-milhoes-de-membros/> . Mais informações sobre as instituições Adventistas podem ser encontradas no site <http://www.adventistas.org/pt/institucional/>

³² Associação Geral. SUL AMERICANA . Disponível em: <https://www.adventist.org/pt/igreja-mundial/sul-americana/>

Geral para fundar o Ministério da Mulher. Viajando pelo país ela propagou a mensagem com ênfase no papel da mãe na educação dos filhos. Com sua morte em 1900 o departamento foi fechado devido à ausência de liderança.³³

Ele só voltaria a ser lembrado em 1980 na Assembleia Geral de Dallas, porém levaria mais 15 anos até ser reaberto oficialmente em 1995. Mas não pense que as Mulheres Adventistas do Sétimo Dia só atuam nesse departamento, atualmente é possível encontrá-las ocupando os espaços em todos os departamentos que lhes foram permitido atuar, elas são: professoras e diretoras da Escola Sabatina, dirigem Clubes de Aventureiros³⁴ e Desbravadores³⁵, fazem a obra de assistência social por meio da ASA e ADRA, regem Corais, entre outras atividades.

33 Ministério da Mulher. A História dos Ministérios da Mulher. Disponível em: <http://www.adventistas.org/pt/mulher/sobre-nos/historia/>

³⁴ O Clube de Aventureiros é um programa internacional da Igreja Adventista do Sétimo Dia para crianças de seis a nove anos de idade. Segundo o Manual Administrativo dos Aventureiros o Objetivo do Clube é auxiliar pais ou responsáveis na educação de seus filhos. Os Aventureiros se reúnem aos fins de semana para aprenderem algumas noções de escoteirismo, participam de atividades ao ar livre e estudam a Bíblia. Os Clubes aceitam crianças de todas as denominações não sendo uma obrigatoriedade que a criança ou a família pertençam a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Todos os anos os Aventureiros se reúnem com os membros de outros clubes de sua região num grande acampamento chamado “Aventuri”.

³⁵ Os Desbravadores são o estágio posterior aos Aventureiros, quando a criança completa 10 anos de idade ela muda de Clube. O foco desse departamento são os adolescentes até 15 anos, nesse clube são promovidas atividades de escoteirismo, acrescidas do ensino de disciplina e noções de civismo. Também não é necessário que o Desbravador seja Adventista do Sétimo Dia. O Encontro anual dos Desbravadores é chamado de “Campori”.

CAPÍTULO 2 – O GÊNERO EM DEBATE

Torna-se praticamente impossível discutir as questões de gênero sem falar de feminismo. O início do movimento feminista pode ser estabelecido no final do século XIX quando as mulheres, sobretudo inglesas, se uniram para lutar pela ampliação de seus direitos. A bandeira do voto feminino foi uma das primeiras batalhas travadas pelas *suffragettes*³⁶. Essa primeira onda do movimento feminista foi forte até meados da década de 30. Elas se mantiveram ativas, mas não tão combativas, até a década de 1960 quando teve início a segunda onda Feminista.³⁷

As décadas de 60 e 70 foram períodos de avanço na história da humanidade e algumas dessas novidades contribuíram para a emancipação feminina, não podemos nos esquecer que a pílula anticoncepcional provocou uma revolução na vida sexual das mulheres que passaram a poder controlar quando, e se queriam ter filhos. Nesse período os acontecimentos históricos começaram a ser revisitados e estudados a luz da participação feminina. Butler e Scott tecem críticas ao método utilizado por essas historiadoras, que se apropriavam das técnicas Marxistas e tentavam fazer uma história das mulheres sem considerar a participação dos homens. Ao procurar construir uma identidade separada, essas estudiosas inconscientemente (ou não) acabavam partindo do pressuposto que todas as mulheres só poderiam ser consideradas parte do mundo feminino porque nasceram biologicamente em um corpo feminino. Essa visão passará a ser questionada nas décadas seguintes por Scott e Butler, mas essas pesquisadoras concordam que esse exercício foi fundamental para estimular a retirada das mulheres do silêncio.

No início dos anos 80 as três grandes correntes teóricas apropriadas pelas historiadoras feministas para fazer suas análises não estavam mais conseguindo abarcar a complexidade que os estudos de gênero necessitavam. Scott e posteriormente Butler não desprezaram toda a produção da década de 60 e 70, mas com suas críticas, contribuíram para a ampliação do campo e da compreensão de gênero. As duas pesquisadoras defendem que o gênero não deve ser visto como sinônimo da palavra “mulher”, mas sim analisado através das relações sociais.

³⁶ Também conhecidas como Sufragistas, são consideradas as primeiras ativistas do feminismo no século XX. Receberam esse nome por sua campanha em favor do direito ao voto feminino.

³⁷ PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. Revista Sociologia Política 18 (36), Curitiba, jun. 2010, pp.15-23. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>

A priori Scott explica que a relação entre os estudos de gênero e o Movimento Feminista norte americano estava atrelados à bandeira da rejeição do determinismo biológico como explicação para as distinções sociais existentes entre homens e mulheres. Ao rejeitar esse determinismo e afirmar que as relações de gênero não podiam ser compreendidas apenas com a mudança da palavra “mulher” para “gênero”, surgiu a necessidade de se categorizar esse conceito. Coube a historiadora norte americana Joan Scott a tentativa de defini-lo.

Scott definiu “Gênero [como] um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e gênero é uma maneira primordial [primary way] de significar relações de poder.”³⁸

Porém, é preciso ressaltar que ainda não há uma unanimidade entre as estudiosas desse fenômeno sobre o significado desse conceito, e acreditamos que dificilmente isso acontecerá, à medida que sendo construído historicamente ele adquire múltiplos significados e depende da abordagem escolhida.

Apesar de concordarem em alguns pontos, a prática da reflexão e da produção do saber, levou Butler e Scott para caminhos de análise diferente. A contribuição dada por Butler desconstrói a visão de que faz parte do universo feminino quem nasce com uma vagina. Para essa pesquisadora “gênero é uma identidade fragilmente construída ao longo de anos de uma repetição estilizada de atos e na estilização do corpo.” A corrente a qual ela pertence, denominada pós-estruturalismo nos ajuda a compreender que não existe a distinção sexo e gênero, essas distinções não são dadas por fatores biológicos.

Rosado Nunes e Butler defendem que a diferenciação de “sexo” é baseada em construções sociais. Seguimos determinado padrão de comportamento porque nascemos dentro de uma lógica condicionante que diferencia entre brinquedos de menina e menino, roupas de homem e mulher. Porém Butler alerta que:

Buscar lugares entre feminilidades e masculinidades não seria o caso, ao invés disso, Butler propõe que se deve compreender e aceitar a instabilidade e oscilação que estes lugares instituem, abandonando o que chama de “comodidade metodológica”.³⁹

O Movimento Feminista também se apropriou de conceitos desenvolvidos por Michel de Foucault como a noção de “Poder” e os métodos para análise do discurso. Ele defende que

³⁸ SCOTT, Joan W. Gender: a useful category of historical analysis. The American Historical Review, Chicago, v. 91, n. 5, p. 1067, dec. 1986. Apud: PELEGRINE, Mauricio A. Foucault Feminismo e Revolução.

³⁹ Butler, Judith. **Actos performativos y constitución de género**: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. Debate Feminista, 1998. Disponível em <http://www.debatefeminista.com/PDF/Articulos/actosp433.pdf>

não existe apenas um poder único, controlador e monopólio do Estado ou encarnado em um líder, o que há são micropoderes que devido à fragmentação se infiltram em todas as relações sociais. Foucault afirma que ninguém está livre dessa influência, afinal: “O poder está em toda parte; não porque englobe tudo, e sim porque provém de todos os lugares”⁴⁰. Ele não é algo natural, mas uma prática social que foi sendo construído historicamente, através da luta de forças antagônicas.

A educação Judaico-Cristã em muitos casos condicionou os sujeitos a analisarem suas experiências através de uma visão binária da situação, sendo tentado a pensar nas relações de gênero através dos binômios dominados e submissos, “cabeça” e “cauda”. Se quisermos efetivamente compreender o papel exercido pelo poder nas relações que nos cercam teremos que ampliar nossas concepções e compreender que esse micropoder também está inserido numa relação de forças e que a todo tempo enfrenta resistências. Foucault afirma que:

[...] não existe [...] um lugar da grande Recusa – alma da revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do revolucionário. Mas sim resistências no plural, que são casos únicos: possíveis, necessários, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício; por definição, não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder. [...] As resistências não se reduzem a uns poucos princípios heterogêneos; mas não é por isso que sejam ilusão, ou promessa necessariamente desrespeitada. Elas são o outro termo nas relações de poder; inscrevem-se nestas relações como o interlocutor irredutível”⁴¹

Esse poder se consolida através do confronto das forças sociais antagônicas e é graças a esses embates que o conhecimento é produzido. As discussões teóricas sobre as representações do pecado no livro do Gênesis sofreram mudanças substanciais a partir da década de 1980 como o estabelecimento do Feminismo Pós Modernista.

Essa recusa de se enquadrar em discursos universalizantes que falavam de mulher no singular, aliado a ênfase do poder exercido pela linguagem como construtor da realidade provocou consequências políticas e ideológicas. As identidades se fragmentaram e passaram a ser discutidas através de suas pluralidades e contradições. A nova ênfase passou a ser dada ao contexto discursivo e não a generalizações.

Outra forma de estudarmos as relações de poder que permeiam as questões de gênero é através da análise dos discursos. É comum nos depararmos com falas que ao nosso ver são

⁴⁰ FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: a Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1976, p. 89.

⁴¹ FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: a Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1976, p. 91 e 92.

contraditórias, Oliveira⁴² explica esse fenômeno ao afirmar que nosso discurso está sempre entrando em contradição porque ele é um elemento produzido e influenciado pelas circunstâncias, o narrador tende a escolher as melhores palavras para convencer o ouvinte que sua argumentação/história está correta e assim satisfazer seus interesses, por isso não podemos ser ingênuos e acreditar na neutralidade.

Se quisermos compreender o gênero como invenção de um discurso, nós devemos analisar a produção à luz de um contexto mais amplo, considerando aspectos sociais, culturais, políticos e históricos, ou seja, compreende-lo através da orientação funcional que norteia o discurso construtor, conforme conclui Oliveira⁴³.

2.1 APROXIMAÇÕES DOS ESTUDOS DE GÊNERO E RELIGIÃO: A TEOLOGIA FEMINISTA

A Teologia Feminista nasce segundo Rosado Nunes⁴⁴ da crítica realizada no seio das congregações pelas mulheres. O primeiro esforço desse tipo segundo a autora está datado no final do século XIX quando um grupo liderado por Elizabeth Cady Stanton começou a se reunir para reinterpretar passagens bíblicas que falavam sobre as mulheres. Como fruto do trabalho foi publicado em 1895 e 1896 o livro “The Woman’s Bible”.⁴⁵

Essa ação no século XIX pode ser considerada metaforicamente como a faísca que incendiou o campo da Teologia na década de 60 do século seguinte, através do nascimento da Teologia Feminista. A TF surge ao mesmo tempo em que a Teologia da Libertação, enquanto a primeira questiona as relações de gênero a segunda ainda se mantém, segundo Ivone Gebara, arraigada as noções Patriarcais de religião.⁴⁶

Muito discutido pelas feministas a visão dualista que divide a sociedade ocidental e Cristã não foi criada por ela, mas se trata de uma herança das tradições judaica e

⁴² OLIVEIRA FILHO, José Jeremias de. Formação histórica do movimento adventista. ESTUDOS AVANÇADOS 18 (52), 2004. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10030/11602>

⁴³ OLIVEIRA FILHO, José Jeremias de. Formação histórica do movimento adventista. ESTUDOS AVANÇADOS 18 (52), 2004. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10030/11602>

⁴⁴ ROSADO-NUNES, Teologia Feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. Estudos Feministas, Florianópolis, 14(1): 336, janeiro-abril/2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n1/a16v14n1.pdf>

⁴⁵ CARVALHO, Maristela Moreira de. Teologia (s) Feministas (s) e Movimentos (s) Feminista (s) na América Latina e no Brasil: “origens” e memória. Os feminismos latino-americanos e suas múltiplas temporalidades no século XX. ST 40. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/M/Maristela_Moreira_de_Carvalho_40.pdf

⁴⁶ ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia Feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. Estudos Feministas, Florianópolis, 14(1): 336, janeiro-abril/2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n1/a16v14n1.pdf>

neoplatônicas que unem um Deus Guerreiro a valorização do intelecto, Emanuel Ramalho de Sá Rocha⁴⁷ analisa através de textos de eco feministas, dois elementos que historicamente podem ser apontados como a raiz do problema. Nas religiões primitivas havia uma associação simbólica entre a mulher e a natureza, esse processo culturalmente diverso contem segundo Ruether⁴⁸ um dos elementos fundamentais para compreender a dualização do mundo: a divisão sexual do trabalho.

Enquanto a mulher exercia um maior número de atividades que estavam ligadas ao cultivo da terra e cuidado dos filhos, o homem, segundo Ruether⁴⁹ desenvolvia as atividades de maior prestígio e mais ocasionais, o que lhe garantia muito tempo livre. Outro fator cultural apontada pela autora é a dualidade dos papéis até mesmo no plano celestial, o oposto da Mãe Terra era o Pai Celestial, aquele que regia os astros e ditava o curso dos eventos cotidianos.

A tradição judaica se utiliza de noções duais para se explicar, Rocha⁵⁰ afirma que “Desde o princípio da narrativa cosmogonia judaica é introduzido uma ordem em pares de opostos: céu e terra, luz e trevas, dia e noite, sol e lua (luminares), plantas e animais, homem e mulher” a própria árvore do conhecimento do bem e do mal seria um elemento dessa divisão dual do mundo:

Para Joseph Campbell (1990), a própria árvore do conhecimento do bem e do mal é o símbolo desse sistema de pares de opostos. O Jardim do Éden é o lugar da unidade, porém quando homem e mulher comem do fruto, tomaram conhecimento não apenas do bem e do mal, mas também do masculino e do feminino – por isso

⁴⁷ ROCHA, Emmanuel Ramalho de Sá. As raízes das relações de poder sobre a mulher e a natureza no Cristianismo. In: Paralellus, Recife, v. 7, n. 14, jan./abr. 2016, p 160. Disponível em: www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/download/548/810

⁴⁸ RUETHER, Rosemary Radford. Ecofeminism: Symbolic and social connections of the oppression of women and the domination of nature. In: Ecological Prospects: Scientific, religious and aesthetic perspectives. New York: New York Press, 1994. Apud ROCHA, Emmanuel Ramalho de Sá. As raízes das relações de poder sobre a mulher e a natureza no cristianismo. In: Paralellus, Recife, v. 7, n. 14, jan./abr. 2016, p 160. Disponível em: www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/download/548/810

⁴⁹ RUETHER, Rosemary Radford. Ecofeminism: Symbolic and social connections of the oppression of women and the domination of nature. In: Ecological Prospects: Scientific, religious and aesthetic perspectives. New York: New York Press, 1994. Apud ROCHA, Emmanuel Ramalho de Sá. As raízes das relações de poder sobre a mulher e a natureza no cristianismo. In: Paralellus, Recife, v. 7, n. 14, jan./abr. 2016, p 160. Disponível em: www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/download/548/810

⁵⁰ ROCHA, Emmanuel Ramalho de Sá. As raízes das relações de poder sobre a mulher e a natureza no Cristianismo. In: Paralellus, Recife, v. 7, n. 14, jan./abr. 2016, p 160.

sentem vergonha um do outro (*Ibid.*, 3:7) – e de toda a dualidade que só existe fora do Jardim, assim sendo expulsos.⁵¹

Os desafios propostos internamente pelas mulheres no seio das denominações tinham a finalidade de promover a igualdade entre homens e mulheres, baseada em análises feministas. A publicação do livro “The Church and the second sex” em 1968 pela escritora Mary Daly⁵² é um marco para a Teologia Feminista, o livro desde o título é inspirado na obra da Francesa Simone de Beauvoir, outro livro de Daly muito importante para os estudos de gênero e TF que foi lançado em 1973 continha uma afirmação repetida inúmeras vezes por Feministas Cristãs e que resumia a essência do jugo imposto por Moises “If God Male, These Male is God”.⁵³

Assim como Daly outras mulheres tentaram alterar as visões dominantes sobre o corpo e a sexualidade femininas dentro de suas denominações, mas após a sensação de falha e o aumento de sua atuação na luta feminista muitas abandonaram suas visões tradicionais de fé e passaram a se unir em outros espaços para cultuarem as antigas divindades femininas das religiões julgadas pagãs pelo Deus homem e também para discutirem suas experiências enquanto mulheres. Rosemary Redford Ruether é uma delas, reconhecida como uma das mais importantes Teólogas da vertente feminista publicou em 1983 “Sexism and God Talk: toward a feminist theology”, sua experiência lhe fez afirmar nas paginas 193 e 194 da obra acima referida que “Quanto mais feminista alguém se torna, mais difícil se torna ir à Igreja”.

A Teologia Feminista se apresenta como um campo muito fragmentado, Gebara⁵⁴ atribui à causa as múltiplas experiências religiosas e concepções políticas das envolvidas. Ela constatou que a TF no Brasil é feita por teólogas em sua maioria através da academia e que não possuem filiação religiosa, a filósofa ainda argumenta que não é possível fazer uma Teologia Feminista sem falar do corpo da mulher e as disputas em torno dele. As análises produzidas por Ruether⁵⁵ tecem críticas contra teólogos cristãos que auxiliariam para essa visão deturpada sobre a parte feminina da criação, sobre suas críticas Miller e Grenz afirmam:

⁵¹ ROCHA, Emmanuel Ramalho de Sá. As raízes das relações de poder sobre a mulher e a natureza no Cristianismo. In: Paralellus, Recife, v. 7, n. 14, jan./abr. 2016, p 160. Disponível em: www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/download/548/810

⁵² DALY, Mary. The Church and the Second Sex. New York, Harper & Row, 1968.

⁵³ DALY, Mary. Beyond God, the Father: Toward a Philosophy of Women's Liberation. Boston, Beacon Press, 1985, p 12.

⁵⁴ ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia Feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. Estudos Feministas, Florianópolis, 14(1): 336, janeiro-abril/2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n1/a16v14n1.pdf>

⁵⁵ MILLER, Ed. L. e. GRENZ, Stanley J.. Teologias Contemporâneas. São Paulo: Vida Nova, 2011.

Ruether critica Agostinho por identificar a masculinidade com a imagem de Deus, Tomás de Aquino por considerar as mulheres “machos bastardos”, os reformadores por não fazerem coisa alguma para mudar o *status* das mulheres dentro da igreja, e até Karl Barth por colocar as mulheres em segundo lugar nas alianças da natureza e da graça.⁵⁶

O interesse pelo estudo da Teologia Feminista no campo das Ciências Humanas teve início com o desenvolvimento de novos suportes teórico metodológicos, apropriados dos Estudos Feministas, essa visão militante que definia a religião como o mais importante instrumento de controle não dava conta de perceber as complexidades e contradições que definem as relações no espaço religioso. Houve uma época que era inadmissível afirmar que uma instituição dominada e controlada pelos homens podia contribuir para o empoderamento feminino, atualmente essa perspectiva já é aceita.

No livro *Teologias Contemporâneas*, Miller e Grenz abordam treze correntes teológicas modernas e apresentam através de um representante o que é ensinado por cada uma delas. As mulheres são representadas por Rosemary Ruether. Após um pequeno debate sobre o que é a Teologia Feminista e as principais críticas das Teólogas que a defendem, os autores através de um tópico questionam: “Mas, isso é Cristão?” e iniciam o processo de resposta afirmando que Ruether desempenhou bem o papel de denunciar os males do androcentrismo, mas criticam a Teologia Feminista e se mostram receosos com a reapropriação da imagem de Deus como mulher e a reinterpretação da narrativa cósmica do Gênesis, também recorrem a Young que teme que o enfoque feminista leve o mundo religioso para uma nova era de relativismo.

Apesar da discussão eles não respondem à pergunta anteriormente feita com “sim é Cristão” ou “não, não é Cristão”, dessa forma desempenham um papel importante ao estimular que o leitor pesquise e reflita sobre as relações de poder que se utilizam do discurso bíblico para se manterem. Sabemos que a dominação dos corpos femininos ainda é um problema que está presente nos discursos religiosos pautados numa teologia que defende a hierarquia, que é dualista e com dogmas centralizados na representação da figura masculina. Por isso, as Teólogas Feministas são tão importantes, porque nos despertam a consciência de

⁵⁶ RUETHER, Rosemary Radford. *Ecofeminism: Symbolic and social connections of the oppression of women and the domination of nature*. In: *Ecological Prospects: Scientific, religious and aesthetic perspectives*. New York: New York Press, 1994. Apud ROCHA, Emmanuel Ramalho de Sá. As raízes das relações de poder sobre a mulher e a natureza no cristianismo. In: *Paralellus*, Recife, v. 7, n. 14, jan./abr. 2016, p 188. Disponível em: www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/download/548/810

que precisamos continuar combatendo essa cultura machista que ainda “define tudo da matéria a Deus”.⁵⁷

2.2 O MICROPODER EM MOVIMENTO DENTRO DA IASD

As mulheres Adventistas do Sétimo Dia possuem o direito assegurado pelo Manual da Igreja de ocuparem quase todos os cargos em nível de Igreja Local, digo quase todos porque a ocupação completa só é permitida em algumas Uniões que adotam a prática de ordenar mulheres ao ancionato. O Brasil pertence a uma Divisão que não permite o trabalho feminino no cargo de Anciã ou de Pastora, ainda que comissionadas.

Mundialmente falando a atuação de mulheres nesses dois cargos não é uma prática incomum. Das treze Divisões Administrativas apenas seis não permitem esse tipo de ordenação. Essa permissão de atuação continua sendo um assunto polêmico dentro da denominação e divide a opinião de fiéis, a não compreensão do assunto inclusive por parte de Líderes tem reacendido debates ao longo dos últimos cinquenta anos.

A atuação de pastoras nos quadros da Igreja Adventista do Sétimo Dia não é recente, desde 1872 a instituição possui mulheres atuando em cargos de liderança na denominação, já nos primeiros anos essa prática foi motivo para muita polemica. Urias Smith um dos responsáveis pela revista *Adventist Review And Sabbath Herald* escreveu em 1866 um livro se posicionando contra a situação e defendendo a posição machista que tanto discutimos aqui de que os homens eram as autoridades estabelecidas por Deus e as mulheres submissas. Acredito que a advertência dada por Ellen White de que os esposos não deveriam utilizar as escrituras como base para suas visões de submissão feminina⁵⁸ tenha tido como um dos alvos principais as concepções de Smith.

A primeira vez que a Associação Geral se debruçou sobre o tema da ordenação feminina foi em cinco de dezembro de 1881 quando foi votado que as mulheres que possuíam qualificação e habilidades para exercer o cargo tinham autorização para exercê-lo, porém o parecer final não foi discutido.

⁵⁷ RUETHER, Rosemary Radford. Sexism and god-talk. Apud MILLER, Ed. L. e. GRENZ, Stanley J.. Teologias Contemporâneas. São Paulo: Vida Nova, 2011.

⁵⁸ A citação completa contendo a advertência dada por Ellen White pode ser consultada na página 44 dessa monografia.

O ano de 1968 é conhecido como o “ano que não acabou”, um ano que se iniciou com a famosa Primavera de Praga e os questionamentos sobre a cortina de ferro que separava o mundo em dois blocos, seguiu seu curso com as manifestações estudantis principalmente contra a guerra do Vietnã. No Brasil pode ser apontado como o ano que marca o acirramento da repressão por parte do governo militar através da assinatura do Ato Institucional nº5. Outros dois acontecimentos marcantes para o período foi o assassinato de Martin Luther King e do então presidente dos Estados Unidos John F Kennedy.

Nesse mesmo ano a Igreja Adventista do Sétimo Dia viu um antigo questionamento ser ressuscitado, a Divisão Norte Europeia enviou um pedido a Associação Geral solicitando um estudo sobre a ordenação feminina. O tema voltou à pauta por causa de um acontecimento que já tinha chegado ao fim vinte e três anos atrás: a Segunda Guerra Mundial.

Durante a guerra a maioria dos homens da Finlândia, incluindo pastores Adventistas foram recrutados pelo exército para lutar no conflito mundial o que provocou uma espécie de “desabastecimento” de trabalhadores eclesiásticos nesse país. Na ausência dos homens foram as mulheres que assumiram os postos Missionários e a questão nessa época era se poderia continuar com a prática ou não. O parecer da Associação Geral deveria ser votado apenas cinco anos mais tarde, na Conferência de Camp Mohaven – Ohio em 1973.

Antes de tomarem uma decisão foi convocada uma comissão para consultar a Bíblia e o Espírito de Profecia⁵⁹ a fim de conseguirem uma solução, mas até 1970 o assunto continuava sem ser discutido, nesse entre meio de tempo (1970 – 1975) uma das Associações da Divisão Norte Americana, a de Potomac, ordenou sem autorização da Associação Geral, que ainda discutia o assunto uma mulher Anciã de Igreja. Percebendo que havia urgência na questão da ordenação feminina por parte dos administradores da denominação, em 1973 uma nova comissão foi formada e vai para Camp Mohaven definir a posição oficial. Esse comitê foi composto por treze mulheres e nove homens que decidiram pela autorização da ordenação feminina ao ancionato e as que possuísem a formação em Teologia poderiam atuar como associadas do pastor local.

⁵⁹ Nome dado aos escritos e ensinamentos da escritora e profetisa norte Americana Ellen White. Os Ensinos de Ellen White são tidos como uma fonte de pesquisa e orientação para a compreensão dos textos Bíblicos, mas não são considerados uma continuação da Bíblia Sagrada e nem aceitos como equivalentes a ela.

O documento final foi questionado por muitos membros da congregação que não concordavam com o parecer e diziam que ele só refletia as ideias do presidente da comissão, o Pr. Willis J. Hacket vice-presidente da Associação Geral. As suspeitas segundo Maxwell⁶⁰ foram confirmadas a ele pelo secretário do grupo o Pr Godom Hyde, porém na reunião Geral de 1975 o parecer favorável à ordenação feminina foi aprovado pelos líderes mundiais.

Mas engana-se quem acredita que o problema estava resolvido de uma vez por todas. Em 1979 a Associação Geral decidiu permitir que todos os ministros não ordenados do sexo masculino poderiam oficializar alguns ritos que apenas os pastores ordenados podiam celebrar como o Batismo e a Ceia, e isso foi o motivo para que as membras se organizassem novamente e fossem à luta pelo direito de serem consideradas Ministras Comissionadas.

Antes de prosseguir preciso fazer uma breve explicação sobre o que significa dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia essas duas distinções, de ministro Comissionado e Ordenado. O Comissionado pode realizar quase todas as funções que um ordenado faz, porém esse grupo não possui o direito de ser eleito para cargos de chefia dentro das instâncias administrativas da Igreja como Associações e Uniões e nem de organizar campos, mas nos trabalhos rotineiros das congregações locais não há distinção nas tarefas podendo realizar todas elas.

No início da década de 1980 havia aproximadamente mil mulheres atuando como anciãs nos campos de trabalho⁶¹ e a Associação Geral concluiu que o assunto estava dado por encerrado, todos estavam satisfeitos com as decisões de 1979. Mas em 1984 novamente a Associação de Potomac serve como estopim para reacender o debate. Como não havia uma clara distinção entre as funções do Pastor e do Ancião, essa Associação permitiu que três anciãs, Joan Daffern, Francis Wiegand e Marsha Frost, celebrassem uma cerimônia de batismo, a decisão não foi bem vista pela Associação Geral que ordenou a suspensão da prática até que o assunto fosse novamente revisitado.

Então em 5 de julho de 1985 a polemica voltou à pauta na Conferencia Geral de Nova Orleans sob a presidência de Neal Wilson da Associação Geral. O presidente se mostrou apoiador das ideias e fez a promessa as membras, que todas as mulheres que frequentassem as

⁶⁰ C. Mervyn Maxwell, "Response to NAD President's Request to Annual Council", *Adventists Affirm*, 9 (primavera de 1995), 33.

⁶¹ LIMA, Herbert N. de. Ordenação da mulher na Igreja Adventista do Sétimo Dia: introdução histórica e considerações teológicas. Engenheiro Coelho: UNASP, 2003. Monografia. p 9.

aulas nos seminários e obtivessem o grau de bacharéis em Teologia receberiam ou credenciais missionárias da AG ou seriam admitidas nos quadros da instituição como ministras comissionadas, aos homens nada mudou todos eles receberiam Credenciais Ministeriais que lhes garantiam uma ordenação futuramente. Mas para que a decisão do presidente fosse acatada ele deveria convencer um comitê formado por 52 homens e apenas 14 mulheres, olhando esses números não é de se estranhar que a proposta não foi aprovada.

Cinco anos depois nas reuniões de 1990 a Divisão norte americana não tinha desistido da batalha e apresenta um documento em duas partes para ser votado na reunião, a primeira parte defendia que as mulheres não precisariam mais ser ordenadas, desde que pudessem exercer todas as funções que um ministro ordenado fazia. Essa primeira parte foi vencida em 11 de julho por uma esmagadora maioria de votos contrários: 1173 “não” contra 377 favoráveis. A segunda parte do documento é a compreensão que vigora atualmente sobre os ministros não ordenados (ou comissionados) que esses pastores independentes do sexo poderiam exercer em nível local todas as funções que um ministro ordenado exerce, com exceção de unir igrejas e dirigir serviços de ordenação, esses eram exclusividade dos já ordenados.

Em uma das poucas Assembleias Gerais fora dos Estados Unidos, em 1995, a Divisão Norte Americana pede uma autorização a AG para que cada Divisão decida dentro da área geográfica de sua jurisdição sobre o assunto das ordenações sem distinção de sexo, novamente o não venceu com 1481 votos contrários.

O documento proposto pela Divisão Norte Americana também defendia que as mulheres comissionadas pudessem presidir Associações e Uniãoes, desde que a prática fosse aprovada em sua Divisão, com a rejeição um antigo departamento voltado para o público feminino foi reativado a fim de acalmar os ânimos da ala “feminista” da Igreja: o Ministério da Mulher que falamos brevemente no primeiro capítulo.

Expressando resistência, as mulheres da Divisão Norte Americana continuam de pé lutando após mais uma derrota e solicitam que a sua Divisão encomende um livro a Andrews University, considerada uma das mais respeitadas faculdades de Teologia da Igreja Adventista do Sétimo Dia, sobre a ordenação feminina, se esta prática encontrava respaldo nas escrituras ou não. O livro é concluído três anos depois em 1998 com o título de “Womens ordination does it matter”? que afirma que a prática é permitida pelo livro Sagrado.

Uma União da Divisão Norte Americana decidiu que não acataria a ordem da Associação Geral e continuou ordenando mulheres ao pastorado. Num ato simbólico mas carregado de significado a Southeastern Califórnia Conference aprova em 16 de março de 2000 a utilização de credenciais iguais para ambos os sexos. Mas a rebeldia não acaba por aí, o estado berço de Hollywood e Vegas, num ato de resistência histórica os delegados Californianos votaram e elegeram em 2013 a primeira mulher presidente de uma União da Igreja Adventista do Sétimo Dia na América⁶², em outubro desse ano Sandra Roberts chega ao cargo mais alto da região. A União Holandesa segue os passos Californianos e elege em outubro do mesmo ano uma presidenta também. Como é de se imaginar a Associação Geral desaprovou a eleição, mas permitiu que Roberts continuasse no cargo. Numa tentativa de provar que não existe sexismo dentro da denominação ainda em 2005 uma mulher foi eleita para ocupar a cadeira de Vice-presidente da Associação geral, o segundo cargo mais importante da hierarquia eclesiástica, Ella Simmons foi reeleita em 2015.

Apesar disso em 2015 os delegados mais uma vez reafirmaram em votação na 60ª Conferência da Associação Geral a posição tradicional da Instituição de que apenas a Associação Geral poderia aprovar a ordenação feminina, o que precisamos compreender ao estudar esse assunto tão complexo é que a votação de 2015 ao contrário do que muitos pensavam não resultaria em nenhuma mudança significativa, o que estava em jogo dessa vez não era se a ordenação feminina seria aprovada ou não, mas uma questão ligada a hierarquia: quem deveria definir se uma mulher deve ser ordenada ou não: a Divisão ou a instância máxima do poder? As ministras comissionadas continuarão existindo assim como as anciãs nos lugares que aprovaram esse tipo de trabalho. A ordenação feminina dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia não é mais um problema só teológico, porque nesse ponto o debate já foi resolvido, essa questão parece ser um problema político.

2.3 REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NO LIVRO “FUNDAMENTOS DO LAR CRISTÃO”

A História do movimento Adventista vem se consolidando e está cada vez mais presente nos estudos acadêmicos brasileiros, parte desse sucesso pode ser explicado pela

⁶² Sandra Roberts não foi à primeira mulher a ser eleita para um alto cargo de chefia da IASD Mundial, em alguns países da Ásia como a China onde o número de membros mulheres é muito superior ao de homens tem se colocado as pastoras comissionadas para assumir as funções devido à falta de ministros ordenados, mas havendo homens com essa condição a vaga é destinada a eles. A Eleição de Roberts foi histórica porque foi uma escolha consciente dos delegados Californianos, não uma escolha motivada pela não existência de outra pessoa que tivesse condição de ocupar o cargo, como costumeiramente acontece.

variedade de assuntos abordados por Ellen G. White em suas publicações, a autora escreveu sobre educação, saúde, alimentação, família, trabalho, entre outros temas o que possibilita aos estudiosos dos mais diferentes ramos do conhecimento a utilizarem como fonte. Mas a produção literária institucional adventista não se resume a White, a outras possibilidades como os periódicos desenvolvidos para fiéis, pastores, anciãos, jovens, saúde, as ferramentas de evangelismo como a TV Novo Tempo, essas são algumas das fontes possíveis.

Os estudos de gênero não poderiam ser esquecidos pelos pesquisadores. Luiz Carlos Godin procura compreender as “Representações de gênero em casais e documentos da Igreja Adventista do Sétimo Dia” no estado da Bahia; Débora Maria Soares, Liege de Oliveira Leopoldo e Silva e Paulo Fernando de Souza Campos estudam as “Identidade de gênero: a representação da mulher na Revista Vida e Saúde durante a Segunda Guerra Mundial (1940-1945)”, mas não são apenas essas pesquisas. Também temos Fabio Augusto Darius escrevendo muitos artigos sobre Ellen White e sua influência dentro da denominação.

Ellen White escreveu muitas obras voltadas ao público feminino, em sintonia com sua época apresentava uma preocupação especial com a felicidade da mulher dentro do matrimônio. Escolhi o livro “Fundamentos do Lar Cristão” como fonte para tentar compreender como ela via esse público e qual era o “lugar” que as mulheres deveriam ocupar na hierarquia familiar, ou melhor ‘Como é o Lar modelo Adventista?’

O livro que origina “Fundamentos do Lar Cristão foi publicado” pela primeira vez em 1952 nos Estados Unidos e é uma compilação de textos e cartas deixados pela autora e fragmentos espalhados por outras obras. Essa é uma prática comum entre os depositários do patrimônio Literário de Ellen White, uma quantidade significativa de obras produzidas e assinadas com o nome dela são compilações “post mortem”. Sabendo disso, tenho consciência que a obra é fruto mais da visão de mundo do editor do que de Ellen White. O livro ainda é influenciado por outro fator, sua tradutora que ao escolher as palavras atribui a ele também suas próprias concepções. No Brasil a tradução é creditada a poetisa Isolina Avelino Waldvogel, da qual falaremos em breve.

Conforme vimos acima afirma que existe em nossa sociedade uma ideia construída culturalmente que atribui ao sexo masculino uma superioridade sobre o feminino. Para justificar esse argumento recorre-se a autoridades como a ciência e a religião. É fato que a pregação sobre a diferença de gênero existe para manter a hierarquia social, mas não é um problema apenas social ou cultural, para Gebara é mais que isso sendo também um problema Teopolítico que produz consequências históricas que não podem ser negligenciadas porque o

nosso modo de organizar o mundo, de exprimir, de pensar, de professar uma religião, entre vários outros aspectos, são transpassados pelas construções de gênero.⁶³

A religião pode ser apontada como uma das maiores forças norteadora das ações humanas e esta encontra seus valores apoiados entre outros elementos na família. Toledo Francisco⁶⁴ afirma que um dos maiores atributos esperados da mulher Cristã é a sua capacidade de ser modesta e que privilegie seu lugar como mãe e esposa.

Ellen White viveu quase toda sua vida durante o período Vitoriano, que se estendeu de 1837 até 1904, o reinado de Vitória compreende quase todo o século XIX e suas influências estabeleceram os padrões sociais não só da Inglaterra mas de todo o mundo. A era Vitoriana se caracterizou como um período de enorme contradição, pois foi o momento de expansão das atividades industriais, mas essas não beneficiaram a população que convivia com a miséria, violência e epidemias. Socialmente é apresentado como a “sociedade do controle” onde o comportamento sexual de homens e mulheres era rigidamente assistido, os papéis desempenhados por cada gênero também eram bem definidos cabendo à mulher ser a rainha do lar e só dele.

Santana e Senko⁶⁵ afirmam que esse confinamento das mulheres teve início no pós-revolução Francesa com a construção da representação do sexo feminino como frágil e que deveria ser protegido do mundo exterior. Classificada pelas duas autoras como uma sociedade fiscalizadora da moral e dos bons costumes, o guarda roupa exerceu papel fundamental na repressão dos desejos femininos. As mulheres tidas por virtuosas deveriam se vestir adequadamente a fim de não serem confundidas com as “caídas” prostitutas.

A Rainha Vitória ironicamente defendia essa submissão feminina e como mais alto representante do poder estatal, influenciou o ideal de mulher “virtuosa”: elas eram as mães, filhas e irmãs que deveriam ser tuteladas e ensinadas a serem devotadas ao marido e filhos.

Concordo com Souza e Darius quando constatarem que Ellen White “sendo mulher em um contexto de repressão, seus escritos, por vezes, encontram-se imbuídos do contexto social

⁶³Oliveira Filho, Paulo Gilberto de. A construção das relações de gênero na mídia da Igreja Universal Do Reino De Deus. UFPB: Recife, 2012.

⁶⁴ TOLEDO-FRANCISCO, C. Passagens híbridas: relações de gênero e pentecostalismo. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

⁶⁵ SANTANA, Luciana Wolff Apolloni. SENKO, Elaine Cristina. Perspectivas da Era Vitoriana: sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX. Revista Diálogos Mediterrânicos Número 10 – Junho/2016.

Disponível

em:

<http://www.dialogosmediterraneos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/209/216>

e político no qual vivia”⁶⁶, porém ressalto que, apesar de possuir aproximações com o discurso vigente muitas vezes as abordagens de White sobre o público feminino foram destoantes.

Uma das afirmações feitas por ela nesse livro e que destoam dos ensinamentos propagados na época é a afirmação que “sua individualidade não pode se ocultar na dele. Ela deve sentir que é igual ao marido- ela deve estar ao lado dele, fiel no seu posto do dever e ele no dele.”

É inegável, entretanto que ela se aproxima da mentalidade da época ao defender a vocação feminina para a maternidade e dentro do casamento. Para a autora o matrimônio é algo sagrado e que não deve ser contraído com pressa, tanto o marido quanto a esposa devem analisar o perfil um do outro e consultar a Deus através da oração para posteriormente, após a confirmação do divino, o casal se unir. White defende com base na Bíblia que depois de unidos pelos laços matrimoniais o único motivo permitido para que a ligação seja cortada é o adultério. Moisés permitiu que o povo de Israel se divorciassem de suas esposas, mas a prática foi condenada por Jesus que estabeleceu essa “nova” maneira de se lidar com o matrimônio. Em alguns estados dos Estados Unidos como a Califórnia foi mantido essa necessidade de culpa para conceder o divórcio até 1970.

Apesar da defesa da indissolução do casamento encontramos em alguns escritos de Ellen White o conselho para que mulheres não retornassem para maridos que não as tratavam bem, ela escreve na página 44 em um tópico intitulado de “Conselhos a uma esposa Maltratada”:

Recebi sua carta, e minha resposta é: Não aconselho seu retorno a D., a menos que veja nele decidida mudança. O Senhor não Se agrada das ideias que ele alimenta a respeito do que é uma esposa. ... Se ele ainda mantém suas opiniões anteriores, o futuro não será melhor para você do que foi o passado. Ele não sabe como tratar uma esposa. Fico muito triste com isso. Tenho pena, naturalmente, por D., mas não posso aconselhar você a voltar para ele, indo contra aquilo que você já viu. Falo a você com a mesma sinceridade que falei a ele; seria perigoso colocar-se outra vez debaixo de sua opressão. Eu esperava que ele mudasse. ... Deus sabe tudo

⁶⁶ SOUZA, Cleyton R; DARIUS, Fabio A. A instabilidade sociopolítica e luta pelos direitos na Primeira República: contextos e desafios para empoderamento das mulheres na Igreja Adventista do Sétimo Dia do Brasil. Anais da II Simposio Internacional da ABHR, XV Simposio Nacional da ABHR História, Genero e Religiao: Violencia e direitos humanos, UFSC: Florianopolis, 2016. Disponível em: http://www.simposio.abhr.org.br/resources/anais/6/1473984440_ARQUIVO_FinalABHR.pdf

sobre sua experiência. ... Tenha ânimo no Senhor; Ele não a deixará nem a desampará. Meu coração tem a mais terna simpatia por você.⁶⁷

Ainda sobre os pensamentos de superioridade do sexo masculino que insistiam em se apresentar nos lares adventistas e nos púlpitos das Igrejas, White na pagina 87 repreende aos homens dizendo que:

Não é evidência de poder o esposo ficar insistindo constantemente no fato de ser o líder da família. Não lhe acrescenta respeito ficar citando as Escrituras a fim de sustentar suas reivindicações de autoridade. Ele não se faz mais homem por exigir de sua esposa, a mãe de seus filhos, que aceite os seus planos como se eles fossem infalíveis.⁶⁸

No capítulo cinco intitulado “Preparos para um casamento feliz” Ellen White apresenta o que em sua concepção seriam os passos que os jovens casais deveriam seguir para ter uma união saudável, nos é apresentado às qualidades que a escritora considera que uma esposa deveria ter. Esses atributos estão em consonância com o que era esperado na época das mulheres que deveriam assumir o seu papel ao lado do esposo, exercerem uma boa influência que no caso seria auxiliar no crescimento espiritual do marido, além de serem pacientes e Toledo Francisco⁶⁹ acrescenta que a mulher também deveria ser afetiva e cuidadosa.

Mas o interessante é que as mulheres também tinham essa espécie de manual com as qualidades que um bom esposo precisa ter, enquanto a futura esposa deveria ser econômica e gostar de cuidar da casa, o marido deveria ser uma pessoa digna, com passado considerado idôneo e possuidor de traços de caráter que satisfariam a esposa, e a principal indagação que as mulheres deveriam se fazer sobre o pretendente é se ele permitiria que ela mantivesse a sua individualidade ou a subjugaria.

Como falamos no início desse capítulo, havia uma valorização por parte da sociedade dos serviços executados pelos homens, os serviços domésticos eram tidos como obrigação da mulher e quase nunca elogiados. Isso gerava nas mulheres segundo White um sentimento de desvalorização, e contra isso ela diz:

⁶⁷ WHITE, Ellen G. Fundamentos do lar cristão: você pode ser feliz em família. Tatuf: Casa Publicadora Brasileira, 2014. p 44.

⁶⁸ WHITE, Ellen G. Fundamentos do lar cristão: você pode ser feliz em família. Tatuf: Casa Publicadora Brasileira, 2014. p 87.

⁶⁹ TOLEDO-FRANCISCO, C. Passagens híbridas: relações de gênero e pentecostalismo. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

O rei em seu trono não tem função mais elevada que a mãe. A mãe é a rainha do lar. (...) A mãe raramente aprecia sua própria obra, e frequentemente se põe tão baixo na estima de seu trabalho que o considera como servidão doméstica. Ela vive na mesma rotina dia a dia, semana à semana, com nenhum resultado especialmente marcante. O pai frequentemente chega com um ar satisfeito e orgulhosamente passa em revista o que realizou durante o dia. Suas observações mostram que ele, agora, espera ser servido pela mãe, pois ela não fez muito exceto cuidar dos filhos, preparar o alimento e manter a casa em ordem. Ela não fez trabalho produtivo, não comprou nem vendeu; não fez trabalho de agricultor, no preparo do solo; não trabalhou em mecânica — logo não pode estar cansada. Ele critica, censura e impõe, como se fora o senhor da criação. E isso é o mais difícil para a esposa e mãe (...) ⁷⁰

A mulher, para Ellen White, deveria se comportar racionalmente no casamento, não cumprindo simplesmente os desejos do marido. Há varias advertências dadas a esposas para que não cedessem aos desejos carnis do esposo e nem se rebaixassem a seu nível. ⁷¹

Para concluir acredito que a obra “Fundamentos do Lar Cristão” apresenta sim um modelo idealizado de família, que está pautado na concepção burguesa de esposa, esposo e filhos, mas que para, além disso, o livro tenta romper com a mentalidade androcentrica e patriarcal que dominava as sociedades do século XIX, na medida em que se conclamava as mulheres a escolherem esposos que lhes permitissem manter suas particularidades e que lhes autorizassem trabalhar. O homem continuava sendo representado como o sacerdote do lar. Porém, a meu entender o papel mais “poderoso” será o exercido pela mãe ao educar e moldar o filho.

Nessa obra especificamente não pude observar uma defesa da assimetria entre os gêneros, ela defende sim que há uma diferença nas funções mas que isso não é motivo para que o marido trate a esposa como sujeito inferior ou submisso.

⁷⁰ WHITE, Ellen G. Fundamentos do lar cristão: você pode ser feliz em família. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014. p 88.

⁷¹ Exemplos podem ser encontrados na obra Fundamentos do Lar Cristão nas páginas 63,67.

CAPITULO 3 – AS FILHAS DE EVA REBELDE

3.1 – ELLEN WHITE E SEU CARISMA

Quando falamos sobre Igreja Adventista do Sétimo Dia um nome feminino nos salta à mente quase instantaneamente, o de Ellen Gold White. Reconhecida como profetisa, uma das poucas figuras femininas a ser imortalizada no hall dos pioneiros e importante escritora considerada em 2014 pelo Smithsonian Institution⁷² uma das 100 americanas mais influentes de todos os tempos.

Nasceu em 26 de novembro de 1827 com sua irmã gêmea Elizabeth numa fazenda perto da cidade de Gohan no Maine. Sua mãe Eunice Harmon tinha atuado por um tempo como professora enquanto seu pai Robert Harmon trabalhava na fazenda da família lavrando a terra. A mãe abandonou a profissão para cuidar dos filhos. Em sua autobiografia “Vida e Ensinos” somos informados que em uma época não determinada antes de Ellen completar nove anos ela e a família foram obrigados a se mudar para a cidade de Portland, localizada a 20 km de Gohan, essa cidade exerceu forte influência em seu ministério.

Aos nove anos de idade Ellen Harmon⁷³ sofre um acidente que mudou sua vida, uma colega da escola enfurecida com ela taca uma pedra que acerta em seu nariz e a deixa inconsciente por semanas. A jovem se recuperou do trauma mas não conseguiu prosseguir com os estudos.

Os caminhos da família Harmon e de William Miller se cruzaram em 1839 quando Ellen tinha a idade de 12 anos. A pregação do fazendeiro em sua igreja convenceu a família Harmon que o retorno de Jesus Cristo seria em breve, mas a jovem não se considerava boa o suficiente para entrar no céu. Em Portland em 1842 finalmente Ellen Harmon obedecendo ao sacramento do batismo, desce as águas e passa a compor o hall de membros da Igreja Metodista da Rua Casco, congregação de onde ela e a família foram expulsos algum tempo depois por não renunciarem aos ensinos Milleritas.

Conforme vimos no primeiro capítulo o grande desapontamento veio e com ele a divisão dos Milleritas. Ellen Harmon desempenhou um papel fundamental para a manutenção

⁷² Disponível em <http://www.smithsonianmag.com/smithsonianmag/meet-100-most-significant-americans-all-time-180953341/?no-ist>.

⁷³ Esse é seu nome de Batismo, ela passa a adotar o sobrenome White após seu casamento com James White.

de um dos grupos remanescentes. Através de seu carisma e do dom profético ela orientou e guiou o grupo em sua caminhada até a formalização em torno de uma instituição.

As páginas da história denominacional Adventista ao lembrar desse período afirmam que Ellen Harmon não tinha sido a primeira opção do “Todo Poderoso” para guiar seu povo. O primeiro a receber o chamado profético teria sido William Foy em 1842, mas esse recusou o “dom”, a segunda opção de Deus coube a Hazen Foss que também se acovardou e por isso perdeu o “privilegio”, então na terceira tentativa é que uma mulher foi escolhida.

Seu dom foi bem recebido pelos Milleritas de Portland, mas teve de enfrentar o ceticismo do restante do grupo espalhado por outras partes do território americano. Em “Vida e Ensinos”⁷⁴ Ellen White levanta uma possível explicação para o descrédito de seus pares, em 1845 os Milleritas passavam por um momento delicado, o fanatismo estava aflorando e provocando mais fragmentação do movimento, o grupo a que Ellen pertencia conhecido como “Sábado e Porta Fechada” decidiu que nenhum de seus membros deveriam acreditar em pessoas que recebessem “sonhos e visões, falassem em línguas ou operassem milagres” sem antes “provar o espírito pela Bíblia”. Nas palavras de White seu dom a princípio foi recebido como um “consolo” enviados pelo céu, mas devido às recomendações da conferência de 1845 foi acusada inúmeras vezes de promover o Mesmerismo.⁷⁵

Mas esse não foi o único argumento utilizado pelos críticos do ministério de White para tentar levar ao desacredito suas revelações. Sua irmã gêmea Elizabeth Harmon foi uma das defensoras de que as revelações eram decorrência do trauma por ela sofrido na infância.

Ubaldo Torres de Araujo⁷⁶, ex-fiel Adventista do Sétimo Dia, em seu livro da década de 80 chamado “Igreja de Vidro”, se apropria dos escritos de Walter Rea publicado nos Estados Unidos com o título de “The White Lie” e faz inúmeras acusações contra Ellen White. Em um dos capítulos ele conta ao leitor sobre um dia em que leu uma obra que afirmava que Ellen White era tomada por ataques epiléticos antes de suas visões, e ainda aponta o testemunho de um médico chamado Willian S. Sadler, amigo da família White para

⁷⁴ WHITE, Ellen G. Vida e ensinos a trajetória de uma mulher de visão. Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

⁷⁵ PRADO, André Pires do. Ellen Gould White: hierofania para um fenômeno religioso. ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH - Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>

⁷⁶ ARAUJO, Ubaldo Torres de. Igreja de Vidro. Ebook. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABe-QAK/a-igreja-vidro>

legitimar seu ponto de vista. Transcreverei abaixo a fragmento contendo o discurso médico apresentado e as conclusões de Ubaldo:

- 1) O Dr.Sadler informa que é comum às pessoas em transe catalético se imaginarem em excursões por outros mundos, e que as suas visões estão sempre de acordo com a crença que adotam.
- 2) Outro detalhe que o mesmo médico observou é que, na maioria dos casos, esses transe acontecem geralmente com pessoas do sexo feminino.
- 3) O Dr.Willian Sadler observou também que os transe que dão origem às visões aparecem depois da consolidação da adolescência, e que normalmente não sobrevivem após a menopausa. (...) O que disse o médico foi justo o que aconteceu com a Sr^a.White. Segundo Walter Rea, ela deixou de ter as suas “Visões” por volta do tempo em que ocorreu a menopausa.⁷⁷

Em situações de conflitos pelo poder é comum a parte que discorda recorrer a pessoas tidas como autoridade no assunto, como médicos ou “cientistas” para que estes confirmem o que a pessoa está dizendo. Antes de fazer minhas observações sobre a passagem, transcreverei abaixo a resposta dada por médicos a Herbert Douglas no livro Mensageira do Senhor sobre o assunto:

Em resposta à acusação de que ela sofria de epilepsia do lobo temporal, oito professores da Escola de Medicina e Enfermagem na Universidade de Loma Linda, incluindo três neurologistas, mais um psiquiatra do Norte da Califórnia, estudaram as evidências disponíveis. (...) Depois de cuidadosa análise do material biográfico e autobiográfico disponível, levando-se em conta o conhecimento atual deste tipo de desordem convulsiva, é nossa opinião que: (1) Não há evidências convincentes de que Ellen G. White sofria desta espécie de epilepsia. (2) Não há possibilidade de que crises parciais complexas tenham sido as responsáveis pelas visões da Sra. White ou seu papel no desenvolvimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia.”⁷⁸

Uma pequena pesquisa nos acervos do centro White nos apresentam fatos que contradizem o argumento de Walter Rea de que ela deixou de receber visões após a menopausa. Citarei apenas dois exemplos, mas ocorreram mais. O primeiro ocorreu durante a Conferência Geral de Minneapolis e que falaremos logo abaixo, na ocasião ela recebeu visões para resolver um conflito existente em 1888, e em 1915 ano de sua morte recebeu sua última

⁷⁷ ARAUJO, Ubaldo Torres de.Igreja de Vidro. Ebook. P 33 e 34. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABe-QAK/a-igreja-vidro> .

⁷⁸ DOUGLAS, Herbert E. Mensageira Do Senhor, Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

visão, em três de março aos 87 anos de idade, ou seja, a menos que a Menopausa tenha chegado a Ellen White poucos meses antes de falecer o argumento de Rea não se sustenta.

Sem levar em conta a necessidade de verificar a veracidade ou não dos dons de White, o que nos interessa é são os exemplos de argumentos machistas utilizados para combater seus ensinamentos.

A controversa sobre as revelações de White serem verdadeiras ou obra de distúrbios neurológicos me fez lembrar de Max Weber e sua diferenciação do mago e do profeta. Segundo Weber, o profeta obrigatoriamente deve ser portador de Carisma que é

uma qualidade pessoal considerada extracotidiana (na origem magicamente condicionada, nos casos dos profetas quantos dos sábios curandeiros ou jurídico, chefes de caçadores e heróis de guerra) e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus [...] ⁷⁹

Max Weber afirma que um profeta anuncia uma mensagem divina, e sua diferenciação de um mago é feita através de conceitos subjetivos. Para a pessoa ser considerada um profeta as suas visões não podem ser atribuídas pelos fiéis como sendo fruto de mágica. Em vida Ellen White nunca se apresentou como profetisa ou foi chamada como tal enquanto esteve viva, seu reconhecimento oficial por parte da denominação só ocorreu em 1919, quatro anos após sua morte. Max Weber acrescenta que com o passar do tempo a “Profecia Carismática” se transforma num dogma oficial. Ela nunca formulou uma nova doutrina, mas ajudou a estruturar as 28 crenças fundamentais da IASD.

Testemunhos como de seu marido James White e outros conhecidos, analisados por Douglas em “Mensageira do Senhor” afirmavam que enquanto Ellen White estava recebendo visões permanecia por horas sem respirar, como se estivesse morta, certa vez a fim de resolver a controvérsia sobre sua inspiração ou não, foi tomada pelo Espírito de Deus e segurou sozinha com apenas uma mão por 20 minutos uma Bíblia de 8 kg enquanto recitava o versículo que estava embaixo de seu dedo.

Ela conheceu seu esposo durante uma visita a cidade de Orlington, seu casamento civil foi celebrado em 30 de agosto de 1846 e por não estarem unidos a uma congregação os White não puderam realizar a cerimônia religiosa. Pouco tempo após o casamento o jovem casal

⁷⁹ WEBER 1999, p. 158, 159. Apud CARVALHO, 2011, p. 190, 191.

inicia um meticuloso estudo do folheto escrito por Joseph Bates intitulado “The Seventh-day Sabbath” e assim seis meses após sua união os White aceitam a mensagem e passam a guardar o sábado, depois da confirmação ser dada em visão a Ellen de que a prática estava correta, isso ocorreu em 7 de abril de 1847.

Os primeiros anos de casamento foram de provação para a Sra White e seu marido, enfrentaram a pobreza, angustia, moraram de favor e com moveis emprestados. Seu marido trabalhava transportando pedras na estrada de ferro, cortando lenha ou feno. Todas essas informações podem ser encontradas em sua autobiografia “Vida e Ensinos”⁸⁰.

Em seu artigo intitulado “Interações culturais entre Europa e Estados Unidos no século XIX e suas perspectivas a partir da análise de textos selecionados de Ellen White” Fabio Augusto Darius⁸¹ discute a ideia de que a profetisa é sobretudo uma mulher de seu tempo, influenciada e escrevendo à luz de seu século, mas que também é, ao mesmo tempo uma mulher paradoxal o que leva o estudioso a classifica-la como “uma mulher entre dois mundos”. Barbara Welter citada por Darius defende que:

Indubitável e paradoxalmente, Ellen White foi uma mulher vitoriana, vivendo conforme os ditames de sua época e ainda assim, uma adventista do sétimo dia, cuja missão evangelizadora estava quase sempre acima dos domésticos. Ela englobava as virtudes da mulher vitoriana, que, de acordo com Bárbara Welter, eram “piedade, pureza, submissão e domesticidade. Misture tudo e elas formarão as palavras mãe, filha, irmã, esposa – mulher. Sem elas, não importava a fama, a realização ou a riqueza, tudo são cinzas. Com elas, havia a promessa de felicidade e poder”.⁸²

Ellen White colocava suas responsabilidades de propagar a mensagem Adventista acima de tudo, e isso a fez tomar uma decisão que acredito ser a mais dolorosa para uma mãe, deixar seu primeiro filho Henry Nichols ainda recém-nascido aos cuidados da família Howland durante cinco anos, enquanto ela e o marido pregavam pelo país.

Em 1849 ela recebeu sua primeira visão sobre a obra de publicação, nela Ellen White afirma ter visto editoras por todo o mundo e então incentivou o marido a escrever a

⁸⁰ WHITE, Ellen G. Vida e ensinos a trajetória de uma mulher de visão. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

⁸¹ DARIUS, Fabio Augusto. A relação entre a práxis religiosa e a cultura “secularizada” em uma denominação cristã estadunidense. In: Protestantismo em Revista, São Leopoldo, RS, v. 27, jan.-abr. 2012.

⁸² WELTER, Barbara. The Cult of True Womanhood: 1820-1860. American Quarterly, vol.8, 1966. P 151. Apud DARIUS, Fabio Augusto. A relação entre a praxis religiosa e a cultura “secularizada” em uma denominação cristã estadunidense. In: Protestantismo em Revista, São Leopoldo, RS, v. 27, jan.-abr. 2012.

“Adventist Review and The Sabbath Herald”. Eles se mudaram para uma casa na cidade de Rochester a fim de iniciarem a publicação do periódico. A pobreza ainda assolava a família e sob condições financeiras desfavoráveis Ellen escreve:

acabamos de nos estabelecer em Rochester. Alugamos uma casa velha por cento e setenta e cinco dólares por ano. Temos a máquina de impressão em casa, [...] vocês iriam rir se olhassem para nós e nossos moveis [...] manteiga é algo tão caro que não compramos. [...] ⁸³.

Três anos após se estabelecerem em Rochester, uma nova visão ordena ao casal que se mudasse para Battle Creek levando consigo a redação da revista. Esta será a primeira casa própria da família. A mudança em 1855 possibilitou a expansão da obra de publicação, é graças também a esse setor que, conforme vimos no capítulo um os Adventistas se mantiveram unidos, organizados e desenvolveram um senso de pertencimento ainda que estivessem separados.

Ellen White também pode ser considerada uma vencedora no campo das letras. Nos setenta anos de carreira publicou 24 livros, centenas de artigos e escreveu muitas cartas de exortação, ao todo sua obra é composta por mais de cem mil páginas sendo sua obra prima o livro “O Desejado de todas as nações”, publicado em 1898.

Por causa de sua baixa escolaridade, Ellen White contava com ajuda de secretárias que atuavam como assistentes literárias revisando seus textos e reunindo autores seculares para que ela pudesse pesquisar e assim escrever. Nem tudo de sua obra pode ser considerado “pena inspirada”. Sua obra se baseia em um grande conflito cósmico entre o bem e o mal, segundo Darius sua visão antiliberal encontraria base em escritos de historiadores europeus da religião. Cabe ressaltar, porém, que ela não fez uma história europeia.

Seus livros também serviram para estabelecer um estilo de vida que deveria ser seguido pelos Adventistas do Sétimo Dia, suas publicações sobre saúde, tema que ainda interessa muito aos membros dessa congregação, começaram em 1863 após receber a primeira de quatro visões relacionadas sobre o tema. Essa mensagem é propagada com urgência porque, como observou o Apóstolo Paulo o corpo é o templo do Espírito Santo e por isso deve ser bem cuidado. Se você consumir alimentos ou bebidas que destruam o seu corpo será considerado um mordomo infiel no dia do Juízo Final.

⁸³ WHITE, Ellen G. Vida e Ensinos. Casa Publicadora Brasileira: Tatuí, 2014. p 105.

Essa ênfase no regime alimentar equilibrado e preferencialmente vegetariano também estaria intimamente ligado à Terceira mensagem angélica⁸⁴. Sobre o tema ela publicou três livros, são eles: “Conselhos sobre saúde”, “Conselho sobre regime alimentar”, “A Ciência do bom viver”.⁸⁵

Em seis de agosto de 1881 seu marido James White, pai de seus quatro filhos faleceu, o luto não foi motivo para abandonar a pregação Adventista, com 58 anos Ellen White já atravessara os Estados Unidos 24 vezes. No outono de 1885, embarca com seu filho William rumo à Europa, para visitar a pedido da Associação Geral as missões lá estabelecidas 15 anos antes por Andrews. Retornou três anos depois para participar daquela que seria considerada pelos estudiosos do movimento Adventista como a mais importante e mal interpretada Conferência da Associação Geral, a conferência de Minneapolis.

Essa não foi uma reunião onde reinou a paz e a harmonia, George Knight historiador norte americano afirma em seu livro “A mensagem de 1888” que essa conferência foi marcada por um clima de hostilidade e um espírito definido por White como “do farisaísmo”.⁸⁶ O motivo para tanto é que o estava em jogo era a Salvação dos homens, ou melhor, como era dada ou alcançada essa Salvação.

A lei em Gálatas⁸⁷ tinha duas interpretações e apenas uma delas poderia estar correta para ser adotada. De um lado da igreja estavam George Butler e Urias Smith, defendendo a posição tradicional da denominação que afirmava que a Salvação dependia da obediência aos mandamentos da Lei Mosaica e do outro defendendo a justificação pela fé em Cristo Jesus estavam dois jovens pastores da Califórnia, os pastores Alonzo T. Jones e Ellet J. Waggoner.

⁸⁴ Na teologia Adventista do Sétimo Dia, essas três mensagens angélicas são entendidas como a última advertência enviada por Deus para os seres humanos. Esses alertas estão registrados no livro do Apocalipse. A 1ª mensagem convidaria os pecadores ao arrependimento, a 2ª mensagem alertaria sobre as práticas contrárias as ensinadas pela Bíblia Sagrada e ensinaria a “verdade” e a 3ª mensagem seria um aviso do que aconteceria as pessoas que não aceitassem essas três advertências.

⁸⁵ WHITE, Ellen G. Testemunhos para a Igreja. Volume 6. Casa Publicadora Brasileira: Tatuí, 2004. p 337.

⁸⁶ Para Ellen White esse “Espírito de Farisaísmo” se estabelece quando homens e mulheres julgam que possuem toda a verdade e se recusam a debater e analisar pontos de vista diferentes daqueles que foram aceitos por eles. Nessa passagem especificamente ela está se dirigindo a dois líderes da Igreja Adventista do Sétimo Dia (Urias Smith e George Butler) que não queriam permitir a apresentação de uma nova interpretação sobre a maneira que a salvação é concedida aos seres humanos.

⁸⁷ Nessa passagem a questão da “Lei em Gálatas” está relacionada não com o livro Bíblico em si, mas com a interpretação de algumas passagens desse livro à respeito de como a humanidade poderia alcançar a salvação. Conforme veremos dois lados discutiam para saber se era através da guarda dos mandamentos ou se era através da Graça (ou seja, algo sobrenatural e que os humanos não conseguem controlar). Para um conhecimento mais aprofundado sobre a Assembléia Geral de Minneapolis em 1888 recomendo a leitura do livro *A Mensagem de 1888* de George Knight.

A velha guarda de Battle Creek defendeu nas páginas da *Review and Herald* sua posição e apelou para a autoridade profética de Ellen White, pedindo que ela colocasse um fim no conflito, obviamente esperando que a profetisa afirmasse que eles estavam corretos. Entre 20 de Julho de 1886 e 1 de outubro de 1888 White recebeu uma série de cartas do presidente da Associação Geral solicitando que resolvesse o assunto e desse a interpretação correta sobre a lei em Gálatas. Após um longo silêncio Ellen White resolveu apoiar os dois jovens pastores Californianos, a partir desse momento passou a ser vista como conspiradora pelas lideranças de Battle Creek. Knight afirma que cartas foram enviadas aos delegados dizendo que havia um complô sendo organizado para destruir a denominação com o apoio de Ellen White e seu filho.

Os apelos de White foram para que as pessoas investigassem as escrituras por si só e como ela se recusou a ser mais uma peça nas mãos dos líderes, e nas palavras de Knight não aceitou ser “fiscal da teologia” nessa época ela perdeu a credibilidade com muitos membros.⁸⁸

As causas que levaram a esse espírito de competição vivenciado nesse evento são demasiado complexas para ser discutido em poucas linhas, e não me aprofundarei porque os embates teológicos sobre essas doutrinas Adventistas não são o nosso foco de estudo. Evoquei o assunto apenas para dizer que esse foi considerado por White o mais baixo grau de prestígio que ela alcançou em sua carreira ministerial, vendo seus conselhos serem ignorados, ela se lembra do evento com grande pesar.

Em 1891 embarcou para propagar a mensagem Adventista na Austrália, país que ela gostou de morar (se pudesse acredito que teria vivido nele até sua morte), mas em 1900 aos 73 anos de idade teve uma visão sobre a igreja dos Estados Unidos que mostrou o fanatismo provocando crises e angústia, e então decide voltar a América.

Em seu retorno foi morar em Santa Helena na Califórnia, a casa que lhe abrigou por 15 anos. Atualmente é considerando um lugar histórico juntamente com outros marcos de relevância nacional. Sua última grande atuação em conflitos data de 1903 no auge da crise do panteísmo instaurada pelo Dr. Kelloggs, nesse ano ela exorta através de cartas o presidente da Associação que estava seguindo essa crença. Ela morreu em 16 de julho de 1915 aos 87 anos na sua casa em Santa Helena.

⁸⁸ KNIGHT, George R. *A Mensagem de 1888*. Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

3.2- A MULHER POR TRÁS DO SÁBADO: Rachel Preston

A segunda mulher a figurar no hall dos pioneiros Adventista é bem menos conhecida que Ellen White, até entre os fieis adventistas. O feito que lhe garantiu uma vaga ainda que pequena nessa galeria a meu entender é a mais importante contribuição dada à denominação: sábado. Bates é a figura lembrada quando se fala sobre essa descoberta, mas quem ensinou os Milleritas a obedecer a esse preceito da lei mosaica foi uma mulher.

Rachel Delight Harris nasceu em Venon, estado de Vermont em 1809. As fontes sobre sua historia são escassas. Enquanto sobre Ellen White há livros, biografias, documentários, artigos e monografias, os escritos sobre Rachel não chegam a formar uma sólida produção . Sua historia aparece rapidamente em poucas linhas escrita por White e sua biografia no site sobre os pioneiros do “Centro De Pesquisas Ellen G. White”, se resumem a 12 linhas. Utilizarei alguns dados recolhidos da Review and Herald como baliza para a “reconstrução” da vida dela, mesmo que a maioria das datas aqui apresentadas possam ser suposição de época.

Estima-se que, com 15 anos, Rachel se casou com Amary Oakes. No ano seguinte nasceu sua única filha. Em 1826 ela e o marido passaram a frequentar a Igreja Metodista. Em algum momento entre 1826 e 1837 os Oakes se mudam para Verona no estado de Nova York e é nessa cidade que Rachel ouve falar sobre o sábado como dia de descanso. Contrariando o marido que era ministro metodista ela passa a obedecer a lei sobre o sábado e se junta a Igreja Batista do Sétimo Dia.

Em 1843 sua filha Delight que era professora aceita a vaga para lecionar em Washington e se muda para a cidade. No ano seguinte e a vez de Rachel já viúva se junta à filha na capital do país, lá não existia sua denominação por isso as duas passam a frequentar a igreja dos “Irmãos Cristãos”. E essa congregação que fará toda diferença na trajetória dos guardadores do sábado.

Rachel confronta o visitante Frederick Wheeler que estava ministrando a Santa Ceia de uma forma que mostra a personalidade e determinação para a causa. Ele ficou surpreso com a forma direta de falar da mulher, e deu credito ao que ela disse, o pregador passou então a estudar a sobre o tema e em março de 1844 decidiu guardar o sábado. Abaixo apresento a descrição de como foi o encontro segundo relato da Enciclopedia Adventista do Sétimo Dia:

Certo domingo, ao dirigir a Santa Ceia para a congregação Cristã, ele enfatizou que todo aquele que professa comunhão com Cristo em culto como aquele —deveria estar pronto para obedecer a Deus e a Seus mandamentos em todas as coisas!. Mais tarde a Sr^a. Oakes lhe disse que quase se levantara no culto para dizer que seria melhor ele cobrisse a mesa da Santa Ceia novamente até guardar todos os Mandamentos de Deus, inclusive o quarto.⁸⁹

William Farmsworth que não prestara atenção na mensagem no ano anterior, devido à preocupação com o grande desapontamento também aceita a guarda do sábado e convence os membros de sua igreja a fazer o mesmo. Farmsworth, Wheeler e Bates firmam um acordo de propagar a mensagem do sábado como o dia do Senhor, os Adventistas da congregação de Farmsworth em Washington são considerados pela denominação a primeira congregação Adventista a adotar a prática.

Rachel se casou pela segunda vez com Natan Preston e volta a morar em Vermont, sua cidade natal e lá viveu até a sua morte em dois de fevereiro de 1868.

3.3 A POETISA DO HALL DOS PIONEIROS: ISOLINA AVELINO WALDVOGEL

Se poucas foram as mulheres que ganharam o direito de figurar no hall dos pioneiros mundiais, no Brasil não seria diferente, dos 14 Pioneiros a única representante do sexo feminino é uma figura pouco divulgada: a poetisa-tradutora Potiguar Isolina Avelino Waldvogel.

Isolina nasceu em 16 de maio de 1882 em Natal capital do Rio Grande do Norte, filha do jornalista Pedro Avelino e de Maria das Neves Avelino, a jovem desde a infância foi criada em meio à cultura letrada do Estado. O bom nível social da família lhe permitiu aprender na cidade de Recife as línguas inglesa e francesa.

Seu contato e conversão ao Adventismo do Sétimo Dia ocorreu em 1915 na cidade do Rio de Janeiro durante uma semana de evangelismo, o evento impactou a vida de Isolina que decidiu estudar Teologia no Antigo Instituto Adventista de Educação (IAE) em São Paulo. É

⁸⁹ Associação Geral . Preston, Rachel (Harris) Oakes. In: Enciclopédia Adventista do Sétimo Dia . Review and Herald, 1966. p 1183. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/herbertvix/enciclopedia-adventistapdf>

durante a graduação que conhece aquele que anos mais tarde seria seu esposo, Luiz Waldvogel.

Concluiu sua graduação no mesmo ano em que foi realizada a semana de Arte Moderna de SP em 1922, no ano seguinte se une pelos laços do matrimônio com o Pr. Luiz Wadvogel em três de abril de 1923.

O Trabalho de Isolina contribuiu para a expansão das doutrinas Adventista do Sétimo Dia no Brasil, através de seus 42 anos atuando na Casa Publicadora Brasileira como redatora e revisora ela legou ao povo Adventista a tradução de hinos do “Hinário Adventista do Sétimo Dia”⁹⁰, músicas para quartetos e talvez sua principal contribuição seja a tradução de 20 Livros da escritora norte americana Ellen White. Ela administrou periódicos no país como o “Atalaia”, “Mocidade” e foi responsável junto com o marido de publicar a versão em língua portuguesa da Revista Adventista. Sua contribuição para a literatura denominacional despertou o interesse de Lênie Erthal Lopatka para o estudo de sua forma de tradução na monografia: “Isolina Avelino Waldvogel: abordagens implícitas na prática de tradução de poemas”.

Seu marido Luiz Wadvogel também era escritor e em um de seus livros “Memória do tio Luiz” registra um pouco da história do casal. Sabendo que as obras literárias são uma tentativa de construção da memória pude observar que Luiz quis imortalizar a esposa como uma mulher abnegada e forte, mas ao mesmo tempo dedicada ao lar, à personificação do ideal de mulher Adventista defendido por Ellen White. “Seu exemplo de espiritualidade” é apontado pelo marido como o sucesso para o avanço das DORCAS e da obra de Assistência social Adventista no Brasil. Por sua dedicação ao próximo foi reconhecida pela cidade de Hortolândia-SP que deu seu nome a uma rua do município como forma de homenagem. Ela morreu em seis de julho de 1980.

3.4 – UMA CONQUISTA HISTÓRICA: ELLA SIMMONS

Ella Simmons pode ser considerada uma típica mulher Adventista do Sétimo Dia, seu casamento com Nord Simmons lhe rendeu dois filhos Darryl e Christopher, essa família tem um especial apreço pela área educacional, o marido e os filhos de Ella são professores, ela também não escapou dessa paixão sua biografia oficial conta que Ella atuou como educadora

⁹⁰ Devido à inserção no país ter se dado através das Colônias Alemãs, os primeiros hinários utilizados pela Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil eram nessa língua e continham mais de mil hinos.

em toda sua carreira e alcançou os graus mais altos de chefia nas instituições em que trabalhou.

Foi presidente do Departamento de Educação da Universidade Estadual do Kentucky, professora da Universidade Oakwood e reitora da La Sierra University, todas as instituições integrantes da rede educacional Adventista de ensino superior. Sua graduação foi feita na Andrews University e seu doutorado na área de educação foi concluído na Louisville University.

Ella ocupa uma posição simbólica muito importante dentro da hierarquia da IASD, em 2005 depois de tantos debates como vimos no capítulo dois, a professora-pastora mulher e negra foi eleita para o segundo cargo mais importante da igreja, sua eleição foi em St. Louis no Missouri. A ala conservadora da denominação não ficou contente com a decisão e nem com a reeleição de Ella Simmons para o cargo.

Em 2010 pouco antes de sua segunda reeleição para o quinquênio 2010-2015 teve de enfrentar uma dura batalha contra os conservadores da IASD que sugeriram durante a atualização do Manual da Igreja que as mulheres não fossem mais ordenadas ao diaconato, graças a sua insistente defesa os delegados derrubaram a proposta e a ordenação feminina ainda é aprovada para esse cargo a nível mundial. Ella desde cedo se interessou pela luta das minorias, fazendo parte de uma minoria excluída queria lutar durante a campanha pelos direitos civis da década de 1960, mas foi impedida pelos pais de participar dos protestos. Ainda em 2010 Ella foi eleita pelas mulheres Adventistas do Sétimo Dia como a “Mulher do ano de 2010” em seu discurso afirmou que a igreja estava começando a mudar, ainda que lentamente. Ela mal imaginava que três anos depois aconteceria a segunda eleição histórica para a luta das mulheres ASD.

3.5 UMA MULHER NUM MAR DE HOMENS: SANDRA ROBERTS

Uma mulher já ocupava há oito anos o segundo cargo mais alto da hierarquia eclesiástica quando uma segunda mulher conseguiria mais um feito que parecia impossível depois da conferencia de 1995. Era 26 de outubro de 2013, às 19h30min do horário local quando o presidente da “Pacif Union” Pr. Ricardo Graham recebeu uma ligação tida como urgente da Associação Geral, do outro lado da linha estava o presidente da Igreja Pr. Ted Wilson com um apelo aos delegados da Southeastern Califórnia Conference, para que eles esperassem a definição da questão envolvendo as mulheres que seria resolvida em 2014 para só depois disso, se aprovada a ordenação, elessem uma presidenta. O Presidente da União

repassa o recado para os delegados, mas ao contrário do esperado pela Associação Geral, muitos saem à defesa da candidatura de Sandra Roberts, entre eles pastores de duas das maiores congregações da Conferência: Randy Roberts pastor da Igreja da Universidade de Loma Linda e Randy Wisbey pastor da Igreja da Universidade de La Sierra. Os poucos contrários que subiram a tribuna alegavam a inexperiência ministerial da pastora como um empecilho para o exercício do cargo, mas o argumento não se sustentou por muito tempo ao serem apresentadas na defesa de Roberts sua atuação como pastora principal da Igreja de Corona e os vários anos à frente do Ministério Jovem da Associação.

Sandra Roberts iniciou suas viagens missionárias ainda criança porque seus pais eram missionários da denominação, em 1982 logo após a formatura em Teologia foi convidada pela Conferência do Michigan para atuar como professora na Cedar Lake Academy permaneceu nessa instituição até 1987 quando foi transferida para a Modesto Adventist Academy na Califórnia onde lecionava aulas de Bíblia. Em 1992 até 1995 foi capela da escola de Loma Linda e diretora do acampamento de jovens da região. Sua carreira pastoral começou em Corona no ano de 1995 e durante cinco anos que antecederam sua eleição em 2013 Sandra Roberts foi preparada para assumir o cargo. Em 2008 foi eleita a vice-presidente da associação e atuou a frente do Ministério Jovem.

Sua eleição em 2013 não foi ganha com um percentual apertado, a esmagadora maioria dos delegados 72% deles para ser exata aprovaram sua eleição e apenas 28% votaram contrários. Sua Conferência apesar de compreender uma pequena área de atuação é responsável por concentrar 17% de todos os Adventistas norte americanos, as quatro maiores cidades da Califórnia: Los Angeles, San Diego, San Bernardino e Riverside estão debaixo da administração de Roberts, além dela outras 10 pastoras ordenadas trabalham para a Conferência

Conforme vimos nesse capítulo, das cinco mulheres que elegi para analisar nessa monografia, três são intelectuais que frequentaram o ensino superior e alcançaram sucesso através da sua cultura letrada, Ellen White apesar de não ter frequentado um curso de Teologia é reconhecida como uma importante Teóloga Adventista, isso nos faz recordar de uma afirmação que fiz na introdução. A palavra escrita ocupa um papel central dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, essa denominação foi formada em volta de uma revista, anualmente a denominação entrega através de seus fiéis no mundo mais de 3 milhões de livros missionários. Os Adventistas também são desafiados anualmente por seus líderes a aderirem

ao curso de leitura do ano que é dividido por faixas etárias, com obras voltadas para o público infantil, juvenil, jovem e dos adultos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme analisamos ao longo dos três capítulos que compõem essa monografia, a pregação realizada por William Miller arrebanhou milhares de americanos de todas as classes sociais para aguardar a purificação da Terra em 22 de outubro de 1844. A pregação desse fazendeiro Batista não foi única, Miller não era uma voz propagando uma mensagem isolada, na América Latina e Europa outros homens se dedicaram a espalhar a notícia da volta de Jesus e com conclusões parecidas com a de William Miller.

Após a frustração do “não retorno” de Cristo à Terra na data esperada pelo grupo, os seguidores de Miller tiveram que lidar com outro problema, a fragmentação dos remanescentes. Ainda no primeiro capítulo conhecemos um dos grupos formados que ficou conhecido como “Sábado e porta fechada” e que supostamente teria sido o escolhido para ser a “Igreja Verdadeira de Apocalipse” por isso uma ajuda dos céus foi enviada através de uma profetisa. Essa jovem de 17 anos chamada Ellen Harmon conseguiu através do carisma manter a unidade desse grupo e os unir em torno de uma congregação formalizada no ano de 1863.

Essa nova Igreja nascida na Era do Imperialismo logo desenvolve seu caráter expansionista e a partir de 1870 começa a enviar colportores e obreiros para outros países a fim de expandir sua influência e domínios, atualmente os Adventistas do Sétimo Dia podem ser encontrados em mais de 200 países. A literatura conforme vimos foi um dos principais instrumentos de evangelismo utilizado pela liderança de Battle Creek, a literatura Adventista do Sétimo Dia teve duas figuras femininas desempenhando papel fundamental na propagação dos dogmas dessa denominação: Ellen White, como importante escritora legando a denominação mais de 100 mil páginas escritas, e no Brasil a poetisa Isolina Avelino Waldvogel responsável pela tradução de vários livros denominacionais para o português. O papel de Isolina foi universalizar o acesso aos ensinamentos de White porque eles ficaram restritos por anos aos leitores da língua alemã e inglesa.

Como as instituições religiosas não estão protegidas por redomas de vidro e nem seus membros presos dentro de bolhas que impeçam a interação com o mundo secular, no final da

década de 60 e início da década de 70 do século passado uma antiga disputa envolvendo o poder feminino foi resgatada graças ao avanço das teorias feministas.

Antes de iniciarmos as considerações finais sobre esse tema em si quero fazer uma breve reflexão sobre a importância que essa pesquisa teve para a minha vida como pesquisa e também mulher, negra, Adventista do Sétimo Dia e Latino Americana. Quando iniciei o estudo das relações de gênero dentro da IASD confesso que ainda tinha uma visão limitada do meu objeto e não conseguia enxergar que a minha inquietação sobre o papel das mulheres dentro das denominações religiosas não era se elas estavam ocupando ou não determinados cargos, mas sim o que estava por trás dessas disputas que na época acreditava ser conflitos teológicos.

Minha conversão ao Adventismo Tradicional ainda era recente e a visão pentecostal do movimento contribuiu para deixar tudo ainda mais embaçado, tudo que sabia de início sobre o tema se reduzia na informação que em 2015 durante a “60ª Assembleia da Conferência Geral” haveria a votação da ordenação feminina ao pastorado, o que num primeiro olhar ainda desatento me fez concluir que após 20 anos a denominação daria o apoio ou não para que as mulheres se tornassem pastoras. Nem sonhava que elas já podiam ocupar ainda que com um status diferente essa posição, não imaginava que a segunda pessoa mais importante da hierarquia eclesiástica da IASD e que ocupava o cargo há quase 10 anos era uma mulher afro americana, essa creio que foi uma das maiores descobertas que fiz.

Acredito que o espanto tenha ocorrido não porque uma pessoa do sexo feminino estivesse ocupando o cargo, mas sim porque tomamos nossa própria realidade como ponto de partida para análise do mundo e a Divisão Sul Americana é uma das seis Divisões mundiais que não permitem a atuação de mulheres no pastoreio nem como ministras comissionadas.

Após o mergulho na história denominacional pude ter dimensão do problema que estava lidando, a luta por igualdade dentro dos lares e na missão evangelística já movimentava as mulheres bem antes de 1995, desde a segunda metade do século XIX o assunto já movimentava os escritos de Ellen White que teve que apelar para sua posição privilegiada de “Mensageira do Senhor” para criticar aqueles líderes que se apropriavam de versículos isolados da Bíblia Sagrada, a fim de legitimarem sua dominação e rebaixarem as mulheres à posição de inferioridade na sociedade na Igreja. Mas não foi apenas Ellen White quem lutou pelo empoderamento feminino, essa é uma história construída por muitas mulheres anônimas.

Esse conflito foi estudado no segundo capítulo dessa monografia. Através dos elementos apresentados, concluímos que a questão ainda não está plenamente resolvida, uma vez que de tempos em tempos ela é revisitada. Vários comitês liderados por homens já concluíram que a ordenação feminina é permitida pela Bíblia Sagrada e pelos livros do Espírito de Profecia, o que nos leva a crer que a divergência pouco tem a ver com o campo da Teologia mas está ligada realmente aos poderes políticos e ideológicos. O que estamos vendo é uma clara tentativa de manter uma condição hierárquica de superioridade uma vez que a condição de “ordenado” é pré-requisito para o preenchimento de cargos do alto escalão.

A ação iniciada pela Southeastern Conference Califórnia de adotar uma credencial única e sem distinção de sexo pode ser considerada um grande passo em direção à promoção da igualdade de gênero dentro da denominação, porque incentiva a outras Uniões a fazerem o mesmo. Com a eleição de Sandra Roberts eles quer-se mostrar que uma mulher pode ser eleita para dirigir uma União mesmo com abundância de ministros homens. Elas não precisam ser vistas como alternativa para suprir a ausência de ministros do sexo masculino.

Acredito que ainda temos muito caminho a trilhar até alcançarmos a igualdade de gênero dentro dessa denominação, mas precisamos reconhecer que as mudanças já estão acontecendo, ainda que lentamente.

Espero que essa monografia possa despertar o interesse de outros pesquisadores e pesquisadoras para o estudo de gênero dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia e para as mulheres Adventistas do Sétimo Dia principalmente as Sul-Americanas, anseio que elas consigam perceber seu papel como sujeito nessa dinâmica social e se unam às mulheres Adventistas Americanas na luta pelo direito de ocupar todos os espaços na Igreja, contra o machismo institucional e a visão patriarcal que ainda comandam essa parte da América.

BIBLIOGRAFIA

ARAUJO, Neuza de Farias. Diferentes definições de poder e dominação: repercussões na participação política envolvendo as relações de gênero. Anais do Seminário Fazendo gênero 9 Diásporas, diversidades, deslocamentos. Universidade Federal de Santa Catarina 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278086119_ARQUIVO_ARTIGOREVISAODOC\[1\].pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278086119_ARQUIVO_ARTIGOREVISAODOC[1].pdf)

BUTLER, Judith. **Actos performativos y constitución de género**: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. Debate Feminista, 1998. Disponível em <http://www.debatefeminista.com/PDF/Articulos/actosp433.pdf>

CAIXETA, Juliana Eugênia; BARBATO, Silviane. IDENTIDADE FEMININA - UM CONCEITO COMPLEXO. IN: Paidéia, 2004, 14 (28), 211 -220. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n28/10.pdf>

CARVALHO, Francisco Luiz Gomes de. O lugar da profetisa na história do Adventismo. In: PERETTI, Clélia (Org.) Congresso de Teologia da PUCPR, 10, 2011, Curitiba. Anais eletrônicos... Curitiba: Champagnat, 2011. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia/2011/>

CARVALHO, Maristela Moreira de. Teologia (s) Feministas (s) e Movimentos (s) Feminista (s) na América Latina e no Brasil: “origens” e memória. Os feminismos latino-americanos e suas múltiplas temporalidades no século XX. ST 40. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/M/Maristela_Moreira_de_Carvalho_40.pdf

DANNER, Fernando; OLIVEIRA, Nythamar de. A Genealogia do Poder em Michel Foucault. IV Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação – PUCRS, 2009 Disponível em: http://www.pucrs.br/edipucrs/IVmostra/IV_MOSTRA_PDF/Filosofia/71464-FERNANDO_DANNER.pdf

DARIUS, Fabio Augusto. A relação entre a praxis religiosa e a cultura “secularizada” em uma denominação cristã estadunidense. IN: Protestantismo em Revista, São Leopoldo, RS, v. 27, jan.-abr. 2012. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/216/307>

_____. Interações culturais entre Europa e Estados Unidos no século XIX e suas perspectivas a partir da análise de textos seletos de Ellen G. White. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 217-228 Disponível em: <https://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/download/1698/1427>

DOUGLAS, HERBERT E. MENSAGEIRA DO SENHOR, TATUI: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: a Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1976.

_____. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

_____. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREIRE, Ana Ester Pádua. Epistemologia feminista: contribuições para o estudo do fenômeno religioso. Paralellus, Recife, v. 6, n. 13, p. 377-390, jul./dez. 2015. Disponível em: www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/download/647/607

FUCKNER, Ismael. A Igreja Adventista Do Sétimo Dia entre a modernidade e a pós-modernidade. Revista Mosaico, v. 5, n. 2, p. 159-169, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/mosaico/article/viewFile/2501/1556>

GONDIM, Luiz Carlos Lisboa. Representações de gênero em casais e documentos da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Salvador: Universidade Católica de Salvador, 2008. (tese) Disponível em: https://www.academia.edu/1869982/REPRESENTA%C3%87%C3%95ES_DE_G%C3%8ANERO_EM_CASAIS_E_DOCUMENTOS_DA_IGREJA_ADVENTISTA_DO_S%C3%89TIMO_DIA

GREENLEAF, Floyd. Terra de esperança: o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul. Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

IAMASHITA, Léa Maria Carrer. Representações do feminino no debate educacional da década de 1920: a presença das mulheres no espaço público e o projeto de modernização do país. Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 29, n. 2 – Jul./Dez. 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/36006>

KELLER, Evelyn Fox. Qual foi o impacto do Feminismo na ciência? Cadernos pagu (27), julho-dezembro de 2006: pp.13-34. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n27/32137.pdf>

KNIGHT, George R. A Mensagem de 1888. Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

LIMA, Heber N. de. Ordenação da mulher na Igreja Adventista Do Sétimo Dia: Introdução histórica e Considerações Teológicas. Engenheiro Coelho: UNASP, 2003. Monografia. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/225961407/Ordenacao-de-Mulheres-Na-IASD-TCC-Unasp>

LOPATKA, Lênie Erthal. Isolina Avelino Waldvogel: abordagens implícitas na prática de radução De Poemas. Engenheiro Coelho: UNASP, 2013. Monografia. Disponível em: <https://getiunasp.files.wordpress.com/2013/12/isolina-avelino-waldvogel-abordagens-implc3adcitas-na-prc3a1tica-de-traduc3a7c3a3o-de-poemas.pdf>

MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. O corpo feminino em debate. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MILLER, Ed. L. e. GRENZ, Stanley J.. Teologias contemporâneas. São Paulo: Vida Nova, 2011.

OLIVEIRA FILHO, José Jeremias de. Formação histórica do movimento adventista. ESTUDOS AVANÇADOS 18 (52), 2004. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10030/11602>

PELEGRINE, Mauricio A. Foucalt, Feminismo e Revolução. Anais do XXI Encontro Estadual de História –ANPUH-SP - Campinas, setembro, 2012. Disponível em: http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1342407030_ARQUIVO_MauricioPelegriini-Anpuh2012.pdf

PINTO, Celi Regina Jardim . Uma História do Feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. 119 p

_____. Feminismo, história e poder. Revista Sociologia Política 18 (36), Curitiba, jun. 2010, pp.15-23. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>

PRADO, André Pires do. Ellen Gould White: hierofania para um fenômeno religioso. Anais do III Encontro Nacional do GT história das religiões e das religiosidades – ANPUH - questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>

REIS, Douglas. A crise identitária e a carismatização do Adventismo. KERYGMA, Engenheiro Coelho, SP, volume 10, número 1, p.11- 30, 1º SEMESTRE DE 2014. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/666/630>

ROCHA, Emmanuel Ramalho de Sá. As raízes das relações de poder sobre a mulher e a natureza no cristianismo. In: Paralellus, Recife, v. 7, n. 14, jan./abr. 2016, p 160. Disponível em: www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/download/548/810

RODRIGUES, Silvia Geruza Fernandes. Um outro gênero de Igreja –as mulheres e sua ordenação sacerdotal. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

ROSADO-NUNES, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. Cadernos Pagu (16) 2001: p. 79-96. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a05.pdf>

_____. Teologia Feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. Estudos Feministas, Florianópolis, 14(1): 336, janeiro-abril/2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n1/a16v14n1.pdf>

SANTANA, Luciana Wolff Apolloni. SENKO, Elaine Cristina. Perspectivas da Era Vitoriana: sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX. Revista Diálogos Mediterrânicos Número 10 – Junho/2016. Disponível em: <http://www.dialogosmediterraneos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/209/216>

SCHUNEMANN, Haller Elinar Stach. A inserção do Adventismo no Brasil através da comunidade alemã. Revista de Estudos da Religião Nº 1 / 2003 / pp. 27-40. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv1_2003/p_schune.pdf

_____. O papel das imigrações no crescimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Estudos de Religião, v. 23, n. 37, 146-170, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/1521/1547>

SCOTT, Joan W. Gender: a useful category of historical analysis. The American Historical Review, Chicago, v. 91, n. 5, p. 1067, dec. 1986.

SCOTT, Joan. GÊNERO: UMA CATEGORIA ÚTIL PARA ANÁLISE HISTÓRICA. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Disponível em: <http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/categoriautilanalisehistorica.pdf>

SILVA, Henrique M. ADAPTAÇÃO PIONEIRA DOS IMIGRANTES DA LETÔNIA NA TERRA PROMETIDA. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: João Pessoa, 2003. p 1. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.293.pdf>

SILVA, Mariana Maciel da. A chegada do Protestantismo no Brasil Imperial. Protestantismo em Revista, São Leopoldo, RS, v 26, set-dez, 2011. Disponível em: periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/download/162/269

SILVA, Sergio Gomes da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. Psicol. cienc. prof. vol.20 no.3 Brasília Sept. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300003

SOARES, Debora Maria; SILVA, Liege de Oliveira Leopoldo e; CAMPOS, Paulo Fernando de Souza. Identidade de gênero: a representação da mulher na Revista Vida e Saúde durante a Segunda Guerra Mundial (1940-1945). Revista Brasileira de História & Ciências Sociais Vol. 6 Nº 11, Julho de 2014. Disponível em: <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/206>

SOUZA, Cleyton R; DARIUS, Fabio A. A representação do feminino na Revista Adventista entre 1939 e 1945: aproximações iniciais. XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial Centro Universitário Adventista de São Paulo - EC, SP, 18/8/2016. Disponível em: <https://portal.metodista.br/eclesiocom/edicoes-anteriores/2016/arquivos/a-representacao-do-feminino-na-revista-adventista-entre-1939-e-1945-aproximacoes-inicias>

_____. A instabilidade sociopolítica e luta pelos direitos na Primeira República: contextos e desafios para empoderamento das mulheres na Igreja Adventista do Sétimo Dia do Brasil. Anais da II Simposio Internacional da ABHR, XV Simposio Nacional da ABHR História, Genero e Religiao: Violencia e direitos humanos, UFSC: Florianopolis, 2016. Disponível em: http://www.simposio.abhr.org.br/resources/anais/6/1473984440_ARQUIVO_FinalABHR.pdf

Souza, Sandra Duarte de. Revista Mandrágora: gênero e Religião nos estudos feministas. Estudos Feministas, Florianópolis, 12(N.E.): 264, setembro-dezembro/2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000300014>

VEYNE, Paul. Quando nosso mundo se tornou cristão (312-394). Tradução de. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010

VIANNA, Claudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. Cadernos Pagu (17/18) 2001/02: pp.81-103. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a03>

OBRA DE REFERÊNCIA

Associação Geral. Preston. Enciclopédia Adventista do Sétimo Dia. Review and Herald, 1966. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/herbertvix/enciclopedia-adventistapdf>

FONTES IMPRESSAS

Revista Adventista. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. agosto de 1980.

Revista Adventista. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. Julho, 2015.

Revista Adventista. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. Maio, 2013.

Revista Adventista. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. Março, 2015.

WHITE, Ellen G. Fundamentos do lar cristão: você pode ser feliz em família. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

WHITE, Ellen G. Vida e ensinos a trajetória de uma mulher de visão. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

FONTES ELETRONICAS

BENEDICTO, Marcos de. Um dia que entrou para a história da igreja. 2015. Disponível em: <http://www.revistaadventista.com.br/conferencia-geral-2015/um-dia-decisivo/>

BORGES, Michelson. Falácias e a ordenação da mulher. 2015. Disponível em: <http://www.criacionismo.com.br/2015/02/falacias-e-ordenacao-da-mulher.html>

BYRD, Alita. Woman Conference President Omitted from Adventist Yearbook. Spectrum:2014. Disponível em: <http://spectrummagazine.org/article/alita-byrd/2014/03/19/woman-conference-president-omitted-adventist-yearbook>

Conferencia Geral – Chefia. Ella Simmons Vice-Presidente Geral. Disponível em: <https://www.adventist.org/pt/igreja-mundial/conferencia-geral/chefia/>

GARCIA, Edwin Manuel. Igreja Adventista agenda voto sobre a ordenação da mulher para 2015. 2014. Disponível em: <http://noticias.adventistas.org/pt/noticia/institucional/igreja-adventista-agenda-voto-sobre-ordenacao-da-mulher-para-2015/>

Hardinge, Miriam. Long-ago Stories : Stories of Ellen White and other SDA Pioneers for Parents to Read to Children. Disponível em: <http://circle.adventist.org/files/download/AH/AH204RachelPreston.pdf>

MCCHESENEY, Andrew. Adventistas instados a estudar a ordenação de mulheres por si mesmos.2014. Disponível: <https://news.adventist.org/pt/todas-as-noticias/noticias/go/2014-09-24/adventistas-instados-a-estudar-a-ordenacao-de-mulheres-por-si-mesmos/>

REDAÇÃO. Não é hora de medir forças. 2015. Disponível em: <http://www.revistaadventista.com.br/conferencia-geral-2015/nao-e-hora-de-medir-forcas/>

Sandra Roberts – President. Southeastern California Conference. Disponível em: <https://seccpresident.adventistfaith.org/>

SENADO FEDERAL. Anais da República. Livros 4, 1893. p 33 – 36. Disponível em: http://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf/Anais_Republica/1893/1893%20Livro%204.pdf

TONETTI, Marcio. Divisões não poderão autorizar a ordenação de mulheres ao ministério pastoral. 2015. Disponível em: <http://www.revistaadventista.com.br/conferencia-geral-2015/divisoes-nao-poderao-autorizar-a-ordenacao-de-mulheres-ao-ministerio/>

_____. Votação sobre ordenação de mulheres ao ministério pastoral repercute num dos jornais mais lidos dos EUA. 2015. Disponível em: <http://www.revistaadventista.com.br/conferencia-geral-2015/tag/ordenacao-de-mulheres/>